

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

**STELA MARIS DA ROSA DIAS**

**TECNOLOGIAS À DISPOSIÇÃO DA  
ESCOLA: DISPOSITIVOS MÓVEIS E  
FOTOGRAFIA**

**Porto Alegre  
2015**

**STELA MARIS DA ROSA DIAS**

**TECNOLOGIAS À DISPOSIÇÃO DA ESCOLA:  
DISPOSITIVOS MÓVEIS E FOTOGRAFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

**Orientadora:**  
**Graciela Fagundes Rodrigues**  
**Tutora:**  
**Barbara Terra do Monte**

**Porto Alegre**  
**2015**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Vladimir Pinheiro do Nascimento

Diretor do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação: Prof. José Valdeni de Lima

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação: Prof.<sup>a</sup> Liane Margarida Rockenbach Tarouco

## **AGRADECIMENTOS**

Quero externar aqui meus sinceros agradecimentos à escola que acolheu esse trabalho de pesquisa durante o primeiro semestre de 2015: à equipe gestora, aos professores dos anos finais do ensino fundamental e aos alunos e pais que, prontamente, responderam à solicitação da pesquisa apresentada.

Agradeço também a minha irmã Simone Andréia da Rosa Dias, colega de curso, que me apoiou para chegar ao final do curso, não fosse o carinho com que me incentivou a dar continuidade e escrever essa monografia, com certeza não poderia ter finalizado tal trabalho.

Meus agradecimentos às professoras Graciela Rodrigues Fagundes e Bárbara Terra do Monte pela orientação do presente trabalho.

Agradeço as professoras Roberta Fontana pela correção da Língua Portuguesa e a Vânia Schutz pelo abstract.

## RESUMO

O uso dos dispositivos móveis e fotografias como recurso de autoria, obtidas pelos alunos, investigados como possibilidade de participação no planejamento pedagógico do professor, foi a questão que orientou esse trabalho. Para concretização do presente, a pesquisa foi realizada com os alunos e professores dos anos finais do ensino fundamental, numa das escolas da rede municipal de Arroio do Sal, município do litoral norte do Rio Grande do Sul. Através da perspectiva qualitativa, a pesquisa teve como metodologia a exploração do problema por meio de entrevistas com alunos e professores, e também o uso de questionários específicos. O trabalho apresenta um estudo sobre planejamento didático pedagógico, entrelaçando as tecnologias à disposição da escola e o uso dos dispositivos móveis e fotografias. Para que pudéssemos tratar o assunto, buscamos um retrato do planejamento dos professores em sala de aula, e também entrevistamos os alunos. Nossa pesquisa mostrou que existe o uso das fotografias capturadas pelos alunos somente para trabalhos específicos de identidade e desenvolvimento físico, mas não encontramos vestígio de uso dos dispositivos móveis e as imagens captadas pelos próprios alunos para o planejamento pedagógico do professor, em projetos específicos. Também não vislumbramos a interdisciplinaridade que seria possível com uso de tais recursos, conforme os entrevistados. Concluiu-se que é preciso ainda a escola adaptar-se aos novos meios e instrumentos de produção de objetos de aprendizagem, que podem sim ter a participação efetiva dos alunos nesse processo, utilizando os mais variados dispositivos móveis pessoais que beiram as portas da escola, para o planejamento intencional dos professores.

**Palavras chaves:** Dispositivos móveis. Fotografia. Mídias. Planejamento.

## **ABSTRACT**

Technologies to school layout: mobile devices and photography.

The use of mobile devices and photographs as authoring feature, obtained by the students investigated as a possible participation in educational planning teacher, was the question that guided this work. To achieve this, the survey was conducted with students and teachers from the final years of elementary school, one of the municipal schools of Arroio do Sal, the north coast city of Rio Grande do Sul. Through qualitative perspective, the research was to approach the exploration of the problem through interviews with students and teachers, and also the use of specific questionnaires. The paper presents a study on pedagogical educational planning, linking the technologies available to the school and the use of mobile devices and photographs. So we could deal with the matter, we seek a picture of teachers' planning in the classroom, and also interviewed the students. Our research has shown that there is the use of photographs taken by students only for specific jobs identity and physical development but did not find traces of the use of mobile devices and the images captured by the students for educational planning teacher in specific projects. Also we do not see interdisciplinarity that would be possible with use of such features according to the interviewed. It was concluded that it is necessary to further the school adapt to the new ways and means of production of learning objects, which can instead have the effective participation of students in this process, using a wide variety of personal mobile devices that border the school doors, for intentional planning of the teachers.

**Palavras chaves:** Mobile devices. Photography. Media. Planning.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>1 TECNOLOGIAS DISPONÍVEIS NA ESCOLA</b> .....	11
1.1 PLANEJAMENTO E PROJETOS ESCOLARES: POSSIBILIDADES DE APRENDIZAGEM.....	18
1.2 DISPOSITIVOS MÓVEIS NA SALA DE AULA .....	23
<b>2 A ARTE DA FOTOGRAFIA</b> .....	30
2.1 O REGISTRO FOTOGRÁFICO: A MEMÓRIA E A RETENÇÃO DO TEMPO.....	31
2.2 USOS DA IMAGEM NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO.....	32
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	35
<b>4 O OLHAR DO PROFESSOR E DOS ALUNOS SOBRE A FOTOGRAFIA</b> .....	37
4.1 FOTOGRAFIAS NA ESCOLA: QUE USOS SE FAZEM.....	43
4.2 COMO ENTRELAÇAR AS TECNOLOGIAS DA IMAGEM E APRENDIZAGEM ESCOLAR.....	45
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	48
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	51
<b>APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DOS ALUNOS</b> .....	54
<b>APÊNDICE B - ENTREVISTA DOS ALUNOS</b> .....	55
<b>APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO DOS PROFESSORES</b> .....	56
<b>APÊNDICE D - ENTREVISTA DOS PROFESSORES</b> .....	57

## INTRODUÇÃO

Tecnologias a disposição na escola: o que temos e o que fazemos com essa diversidade de recursos? Pensamos nas tecnologias como meio e instrumento para melhoria da aprendizagem ofertada aos nossos alunos, em tempos de multiplicidade de oferta de produtos tecnológicos que permitem a sua exploração dentro da sala de aula?

Pensando na reflexão das práticas pedagógicas atuais e o uso das tecnologias disponíveis, podemos redirecionar nosso olhar e trazermos esses instrumentos para dentro da sala de aula, com a intenção de melhorar as propostas do trabalho escolar pensadas no planejamento pedagógico do professor. Além disso, como estratégias de absorção da realidade que cerca nossos alunos sendo trazidas para a escola. Longe estamos ainda de realizar um planejamento pedagógico pensando na atualidade, através dos recursos tecnológicos que temos à disposição. As tecnologias da comunicação e da informação – TICs, a que os alunos têm acesso em dispositivos móveis que portam, ainda é de uso restrito na escola, quer por falta de integrar as diversas mídias através de projetos escolares que contemplem esse uso pelos alunos, quer pela dificuldade ainda, de diálogo entre professores e tecnologias.

Nossos alunos têm os mais variados modelos de dispositivos móveis, manuseiam com maestria e competência seus aparelhos e usam as ferramentas disponíveis nesses aparelhos com propriedade. As imagens são parte desses dispositivos móveis e nossos alunos fotografam a toda hora e em qualquer lugar, capturando seus momentos, registrando-os.

Márcia Gobbi (2011), fala das possibilidades de uso da fotografia em sala de aula. Carlos Arouca (2012) aborda a troca de conceito da relação do sujeito com a obra de arte, valorizando uma investigação complexa, que envolve diversas estratégias de compreensão e associação de conceitos e de imagens, e ampliação das possibilidades de reflexão do planejamento pedagógico com a utilização das fotografias. Isso para que possamos dialogar sobre o uso das fotografias trazidas pelos alunos, para aproveitamento em sala de aula, em trabalhos planejados pelo professor.

Nossos currículos escolares foram pensados anteriores a esse contexto tecnológico que hoje nos proporciona uma gama de possibilidades em dispositivos móveis, os quais nossos alunos utilizam para se comunicar, agruparem-se em causas solidárias; divertirem-se



com jogos em rede, postando “*selfies*”<sup>1</sup> diariamente, inclusive nos espaços da escola. Tudo isso num simples toque digital. A partir disso, refletimos sobre o planejamento pedagógico do professor e os dispositivos móveis que permeiam o dia-a-dia dos nossos alunos.

O planejamento pedagógico do professor é norteado pelo Projeto Político Pedagógico da escola. Se as práticas pedagógicas ali são delineadas e devem ser trabalhadas através de metodologia expressa, como conciliar essa metodologia com a prática que acontece em sala de aula? Como entrelaçar o uso das tecnologias dentro de um currículo escolar engessado por anos de práticas pedagógicas “bancárias”, conforme expressou Paulo Freire (1970), em que o aluno memoriza saberes separadamente, dicotomizados da realidade em que vive? Como valorizar a produção de autoria do aluno e o conhecimento que o mesmo pode refletir e produzir através dos seus próprios recursos e instrumentos trazidos para a sala de aula antes de uma seleção feita somente pelo professor?

Passamos então, a pensar numa formação continuada, necessária para que se vislumbre novos horizontes, que traga novas perspectivas e possibilidades de trabalho a desenvolver em sala de aula. Nosso público alvo de hoje não é mais constituído por turmas homogêneas, como se pensava em décadas atrás - e ainda vivenciamos tal pressuposto no presente - em que se planejava uma aula pronta e acabada, na qual permitia ao aluno somente repetir o conteúdo do professor, em síntese um transmissor de conhecimentos.

Hoje contamos com uma grande diversidade de alunos, com realidades diferenciadas e que exprimem essa heterogeneidade na sala de aulas. Aluno hoje é sinônimo de crítica social: as músicas que ouvem entre as trocas de período e no intervalo do recreio, são traduções das necessidades de voz que toda a comunidade quer ter, seja por meio de celulares, Mp4, caixas acústicas portáteis ou até *pen drives*. Nossos alunos não vão à escola somente em busca exclusiva de aprender os conteúdos escolares. Ir à escola nos dias atuais é mais que isso: é esse estar num espaço em contato com outros pares, partilhar um espaço coletivo, comum. Em tempos de século XXI, nossos alunos não nos permitem mais um fazer pedagógico estático, sem movimento, a base de memorização e dicotomia de conhecimentos, fragmentando e/ou simplesmente copiado!

---

<sup>1</sup>Fotografia que alguém tira de si mesmo, em geral com *smartphone* e *webcam*, e carrega na rede social. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/vida-digital/selfie-e-nova-maneira-de-expressao-e-autopromocao/>>, acesso em 09 de agosto de 2015.

Necessário se faz inserir os professores em novas práticas pedagógicas, propondo reflexão acerca do fazer atual para um novo fazer pedagógico, incluindo tudo o que cerca a escola e que vem sendo trazido pelos alunos, inserindo-nos numa realidade mais concreta, com novos instrumentos e recursos a se utilizar em sala de aula; para que então possamos nos apropriar, professores e alunos, de novas ferramentas de trabalho, trazidas pelos alunos em seus dispositivos móveis, articulando o movimento entre a tecnologia e o planejamento pedagógico.

As possibilidades de trabalho que as imagens podem promover, com a utilização das mesmas, obtidas pelos próprios alunos, e a autoria que ela permite é uma porta para que a escola aproveite esse material na sala de aula. A fotografia é um dos modos de retenção da imagem, a captura do momento vivido em determinado instante. A imagem então é congelada e permite variadas leituras daquilo que registrou.

Partindo da pergunta: “Como as imagens capturadas pelos alunos dos anos finais do ensino fundamental, em dispositivos móveis, contribuem para o planejamento do professor?” norteamos esse trabalho de pesquisa para a conclusão do curso de Especialização em Mídias na Educação – Módulo III.

No capítulo 1 vamos entrelaçar uma fala de Rojo e Moura (2012) sobre multiletramentos e a apostila do “Curso Introdução à Educação Digital” (2008), que nos permite uma conversa sobre novas formas de aprender e ensinar com o uso das tecnologias na escola. Dialogamos também com o autor Giansanti (2004), sobre as tecnologias no Brasil, um livro para acrescentar nesse capítulo. Na sequência apresentamos contribuições de Martins (2013): “Situando o uso da mídia em contextos educacionais”.

Sobre planejamento, trazemos a contribuição dos autores Junqueira Filho (2005) e Gandin (1993). Nossa conversa sobre projetos escolares se dará através de Hernandez e Ventura (1998). Vamos agregar nesse subcapítulo uma fala sobre tecnologias, currículo e projetos de Prado (2014).

Pretendemos iniciar nossa conversa sobre os dispositivos móveis com Mendonça (2015) e a conceituação dos mesmos; a cerca do uso de tablets e smartphones disponibilizados pelos alunos e a sua inserção na escola com Saboia, Leal e Andrade Viva (2013) e de Batista e Barcelos (2013).

Tomamos de Moura (2008) a fala sobre web e as tecnologias móveis, entrelaçada com ferramentas e possibilidades de uso educacional, sobre o uso dos dispositivos móveis como ferramenta pedagógica.

Para o capítulo 2, que trata sobre a fotografia e sua evolução trouxemos informações sobre fotografia, recursos e as possibilidades que permitem para guardarmos a imagem retida, obtida. Para tratar o registro fotográfico e a memória retida contemplemos Bernardo (2012) que aborda a temática de memória e tempo através do artigo analítico da obra *Em busca do tempo perdido*. Sobre fotografias capturadas e uso de imagens na educação, como um registro pedagógico, nos baseamos nas teorias de Pinto e Turazzi (2012) e Brodbeck (2012).

A metodologia da pesquisa contempla a abordagem qualitativa, exploratória, mesclando uma interpretação de dados quantitativos obtidos através de questionários aplicados a alunos e professores dos anos finais do ensino fundamental, sendo apresentada no capítulo 3, com a contribuição de Minayo e Sanches (1993), pensando como objetivo geral analisar o uso das imagens capturadas pelos alunos dos anos finais do ensino fundamental e a utilização no planejamento pedagógico do professor como recurso didático para a promoção de aprendizagem.

Trazemos como objetivos específicos refletir sobre as práticas pedagógicas do professor frente às tecnologias da imagem, ofertadas em dispositivos móveis que os alunos dos anos finais utilizam, e identificar as contribuições das imagens para o planejamento pedagógico dos professores dos anos finais do ensino fundamental.

Para finalizar, analisamos os resultados no capítulo 4, onde tecemos conceitos sobre planejamento com a contribuição de Libâneo (1994) e o uso das imagens e tecnologias móveis com a ajuda de Moran (s.d); imbricando as competências do professor através de Perrenoud (2001). Foi acrescentado, ainda, como fechamento dessa pesquisa, a contribuição de Rosa, Fagundes e Basso (2012) e de Dias, Morais, Pimenta e Silva (2012) para essa análise de dados e o entrelaçamento das entrevistas, imprimindo assim nossa visão sobre o estudo feito nessa discussão.

## 1 TECNOLOGIAS DISPONÍVEIS NA ESCOLA

As tecnologias fazem parte do cotidiano de nossas vidas. Existe uma gama de produtos que utilizamos diariamente, por vezes sem nem ao menos nos dar conta. Ligamos botões, programamos tempo, associamos horários e datas. Utilizamos variados equipamentos com maestria de anos de uso, somente pelo fato de o fazermos cotidianamente, sem nos darmos conta de que são produtos tecnológicos, criados através da necessidade de aperfeiçoar nossos instrumentos de uso pessoal, de trabalho, e de permitir mais tempo para outros afazeres necessários, nesses tempos em que temos de dar conta de variadas atividades, dentro de um limite de tempo cada vez mais exíguo. A cada dia que vivemos, fazemos uso de diversificados aparelhos eletrônicos em casa, na rua, no supermercado, no trabalho.

Mas então, porque o uso das tecnologias avançadas em dispositivos móveis ainda não conseguiu ser aproveitada dentre os muros da escola, além do recreio, usado como simples artefato de diversão e passatempo pelos alunos? Como esse aparato todo de tecnologias disponíveis ainda não seduziu os profissionais da educação como ferramenta de fácil acesso, trazida para a escola todos os dias? De que maneira os professores poderiam utilizar todo esse recurso fácil e barato – o próprio aluno traz, é seu e conseqüentemente não haverá custo para aquisição e nem manutenção - disponibilizado diariamente na escola, para a promoção de atividades pedagógicas planejadas para uso nas aulas?

Nessa escrita sobre o uso das tecnologias em sala de aula, começamos com esse pensamento: é necessária a introdução de ferramentas e novos recursos que motivem nossos alunos a buscarem mais conhecimento em nossas salas de aulas. Esses instrumentos são trazidos pelos próprios alunos e devem permitir a sua utilização para organização dos conteúdos a aprenderem através de atividades diversificadas com o uso dessas ferramentas.

Nossas práticas pedagógicas atuais exigem mais do professor e do aluno: o professor não é mais o detentor do saber e o aluno não é mais um mero reproduzidor, que memoriza a fala daquilo que o professor expôs na sua aula, exclusivamente expositiva, em que somente apresentou o conteúdo, sem nenhuma discussão e contextualização do assunto, sendo que o mesmo seja somente repetido pelo próprio aluno. Sobre abordagem da diversidade cultural e de linguagens na escola, ROJO (2012, p. 22) nos diz: “O desafio fica colocado pelas nossas práticas escolares que já eram restritas e insuficientes mesmo para a “era do impresso”, questionando-nos se há lugar na escola para todas quantas linguagens existem. Pensando o uso das tecnologias na escola por esse movimento de uso numa diversidade de linguagens

textuais, podemos incluir variadas formas de expressar e/ou construir conhecimento, quer seja através de comunhão entre imagens, sons, vídeo, oralidade, fotografia, e etc., que os próprios alunos produzirão.

Novas mídias se fazem presentes no universo escolar: computador, telefone, tablet, notebook. As redes são possibilitadas pela internet, e a instantaneidade se faz presente na escola.

Diferentemente das mídias anteriores (impressas e analógicas como a fotografia, o cinema, o rádio, e a TV pré-digitais) a mídia digital, por sua própria natureza “tradutora” de outras linguagens para a linguagem dos dígitos binários e por sua concepção fundante em rede (web) permite que o usuário (ou o leitor/produtor de textos humano) interaja em vários níveis e com vários interlocutores (interface, ferramentas, outros usuários, textos/discursos etc.). (ROJO, 2012, p.23).

Esse advento das novas mídias digitais exige reflexões a cerca das práticas pedagógicas. Mas, também que se pense sobre o uso dessas mídias na escola e como integrá-las à sala de aula, com aproveitamento, através de planejamento das ações dos nossos alunos frente a essas ferramentas ou recursos. Na publicação do Ministério da Educação (MEC) “Introdução à Educação Digital” encontramos os desafios à inclusão digital:

A chegada das tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) na escola traz desafios e problemas, cujas soluções vão depender das potencialidades de cada escola, do trabalho pedagógico que nela se realiza, do seu corpo docente e discente, de sua comunidade interna e externa, dos propósitos educacionais e das estratégias que propiciam aprendizagem. Precisamos compreender a realidade em que atuamos e planejar a construção de novos cenários, de novos saberes, com as novas tecnologias e aprender a lidar com a diversidade, a abrangência e a rapidez de acesso às informações, com novas possibilidades de comunicação e interação, novas formas de aprender, ensinar e produzir conhecimento. (BRASIL, 2008, p. 19).

Conforme exposto na citação acima, não bastam somente nossos alunos portarem seus próprios instrumentos, as tecnologias disponibilizadas em seus aparelhos e, como num passe de mágica, tudo se resolve na sala entre o uso das tecnologias e a aprendizagem. A utilização em sala de aula prevê mais, é necessário o professor refletir a sua prática e ir à busca de ações planejadas, que podem ser desencadeadas com esses artefatos disponíveis, para que o seu uso seja de fato efetivado como instrumento de aprendizagem.

Ao longo do tempo, conforme as necessidades do homem foram aparecendo, passaram a ser produzidos artefatos que pudessem auxiliar na melhora e no desempenho das

variadas funções humanas. O uso de máquinas e aparelhos que pudessem facilitar o serviço, diminuir tempo, encurtar distâncias, aliviar sintomas e dores, foi se desenvolvendo.

A ampliação das descobertas e as grandes invenções geraram a produção em larga escala e a grande quantidade de produtos exigiu assim consumo para toda essa produção de bens. Passamos então a ser consumidores, ávidos por mais e mais produtos. As tecnologias foram sendo aperfeiçoadas e os produtos alcançaram lugares remotos. Surgiu então a necessidade de novas criações, novos modelos, nova clientela. E esse novo público vem agregando cada vez mais, os mais jovens. Com isso o mercantilismo se desenvolveu e o consumismo se fez descartável. Os velhos, antigos, pesados e grandes aparelhos deram lugar ao micro, ao nano. Redução de tamanho, compactação de peças e de produtos. Geração de mais lixo no planeta. Enfim, toda essa produção tecnológica aparece em favor do homem e do trabalho, reduzindo força, distância, tempo consumido, espaço de armazenamento. A velocidade com que as mudanças se fazem na criação de novas tecnologias é espantosa!

O homem tira proveito de todas essas mudanças: criam-se novos produtos e usos, ampliam-se as linguagens, aperfeiçoam-se produtos, novas funções são agregadas nos diversos aparelhos criados. O design é modificado e as funções são integradas. Cores vão e vem a cada estação, nas roupas, nos utensílios, nos móveis. E na escola, como se dão as mudanças? Cada vez que algo novo se insinua nas portas da escola, o que fazem os professores? Como se adaptam aos novos recursos, pensando em novas propostas de planejamento, aos “novos” alunos? O que fazem os professores com toda a tecnologia disponível ao redor da escola?

Giansanti (2006) trata do assunto com muita propriedade e vasto material de informação a cerca das técnicas e da tecnologia. O autor afirma que

[...] é da combinação de duas importantes inovações tecnológicas contemporâneas, as telecomunicações e o computador, que se originou a internet. Trata-se de um sistema que mudou radicalmente os processos de comunicação e informação em todo o mundo. É esse avanço que autoriza a falar hoje em globalização e sociedade da informação (GIANSANTI, 2006, p. 17).

E as TICs estão aí, nas salas de aula, durante o período inteiro, em cada turno trabalhado. Nossos alunos são portadores dos mais recentes dispositivos móveis, acessam internet num clique, registram imagens e voz num toque digital. O que fazemos nós, professores, com essas tecnologias disponíveis, que nos cercam a todo instante, em favor do

conhecimento? Que ações deflagramos ou permitimos que nos alunos façam, para que utilizem esses instrumentos na aquisição de aprendizagem?

Posto isso, através da internet, nosso planeta se interliga em rede mundial, e a sala de aula ainda não se conectou com as tecnologias e a aprendizagem? Ou já existe esse fazer uso dos dispositivos móveis na escola, em sala de aula? O que se aproveita de fato, efetivamente da rede, de compartilhamento de saberes, através da conexão tecnologias e sala de aula?

Pensando assim, se tudo se conecta via rede, através da internet, com uso de dispositivos fixos e móveis, em qualquer parte do mundo, é preciso fazer a conexão para interligar alunos, professores e dispositivos móveis ao conhecimento que se faz possível no compartilhamento e na colaboração através do uso dessas tecnologias disponíveis às portas da escola e já dentro da sala de aula.

Através de um estudo da Organização das Nações Unidas (ONU), em 2001, foi publicada uma avaliação do desempenho tecnológico de alguns países e o Brasil ficou com uma posição de 43º, entre 72 países avaliados.

O Brasil apresentou problemas em itens como o da capacitação humana e o da difusão de inovações antigas e recentes: a posição explica-se em quesitos como a expansão da rede telefônica e o fato de a população ainda ter baixa escolaridade, considerando a média de anos frequentando a escola. (GIANSANTI, 2006, p. 24).

Olhando para esses dados, pensamos quão urgente é que se repense novas metodologias, com intuito de levar os nossos alunos ao encontro das tecnologias na escola, pois como aponta Giansanti “é fato conhecido que a distribuição/ acesso às inovações tecnológicas ainda é extremamente desigual em nosso país” (2006, p. 24). Abrindo esse espaço de inclusão digital, talvez possamos melhor inserir nossos alunos nesse mundo digital, possibilitando assim melhorias em futuras avaliações a cerca do acesso às tecnologias digitais.

Alguns dados sobre a inclusão digital são publicados por Luciana Nunes Leal:

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) 2011 divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que a proporção de pessoas que utilizam a internet passou de 20,9% para 46,5%. Em seis anos, houve um aumento de 45,8 milhões de internautas. Uma média de quase 21 mil por dia. Utilizaram a internet no período de três meses antes da data da entrevista, em 2011, 77,7 milhões de brasileiros com 10 anos ou mais de idade. (LEAL, s.d).<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Disponível em < <http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/inclusao-digital-no-pais-chega-a-menos-de-50-diz-ibge> > Acesso em 09 ago 2015.

O que nos leva a pensar que o acesso às tecnologias e inclusão digital deveriam ser discutidos e debatidos pela escola e profissionais da educação, para nortear a necessidade de mudanças na instrumentalização dos professores e alunos, para a criação de possibilidades de aprendizagens mais significativas em conjunto com a realidade que nos cerca, diminuindo a distância entre o que se vive na escola e o que se vive no mundo real, além da comunidade, do espaço de convívio e ao redor do mundo.

Outro ponto importante a se pautar é a questão das possibilidades de interação que envolve o mundo através de redes de interligação, fato que foi agregar todo o planeta na rede, através da internet. Isso pode trazer um maior movimento entre o aluno e o conhecimento, tendo em vista as possibilidades de busca que lhe é permitido. E sabemos o quanto as tecnologias encantam nossos alunos, jovens consumidores, nativos dessa geração tecnológica, que fazem uso constante desses dispositivos sem nenhuma preocupação de aprendizado formal, escolar. Usam simplesmente por hábito e/ou prazer, estando perfeitamente inseridos na cultura cibernética do uso tecnológico atual.

Mudanças constantes e avanços tecnológicos possibilitam e ampliam novas fronteiras, encurtam distância e exigem novos pensares e fazeres, em qualquer área. Não seria diferente que também tivesse impacto na educação. Novas mídias despertam curiosidade, aguçam olhares, questionam comportamentos. A escola é um espaço para onde se vai em busca de conhecimentos universais, já construídos, já conceituados, mas que necessitam de ser aprendidos por outros, repassados, expostos e estudados por tantos quantos por lá passarem.

Escola é lugar de compartilhamento de saberes já existentes que possibilitam novo saber ao ser partilhado com outros pares, de outros modos, com outra fala e por novos personagens. Também é espaço para a reconstrução, para a colaboração, para agregar novos entendimentos sobre aquilo já sabido por outros. A escola deve dar a conhecer agora, um saber mais atual, com predomínio das tecnologias disponibilizadas, se utilizando de novas ferramentas e instrumentos que tragam renovações necessárias em termos de produzir novas formas de significação de conhecimentos, por meio de novas metodologias, novos fazeres pedagógicos e que permitam novas aprendizagens.

A escola que temos hoje, que já tem bastante tempo, já foi feita de variados modos, com tantos atores, e que vem por muito tempo se organizando e se reorganizando com o passar do tempo. Tantos teóricos, críticos, profissionais, estudiosos, todos quantos pensadores



da educação, já mostraram diversas possibilidades e acrescentaram melhorais em nossa educação ao longo do tempo. Muito já se falou em termos de conteúdos e já desmitificamos que conteúdo é tudo aquilo que perpassa nosso aluno e a sua (e também nossa) vida, em todo e qualquer tempo. Currículo é hoje entendido enquanto organização daquilo que todos estamos envolvidos enquanto sujeitos que pensam e que devem atuar na construção da apropriação do saber, aquele instituído e também o já sabido, que é trazido na caminhada que todos fazem enquanto percorrem para a chegada à escola e que deve transpor os portões tanto de entrada quanto de saída.

Metodologias já foram discutidas, práticas já foram revisitadas, refletidas e refeitas inúmeras vezes, por diversos ângulos, por muitos quantos se dispuseram a rever sua atuação enquanto professor, enquanto ator que pode e deve modificar sua forma de ver e de ensinar/aprender a ver o mundo em todas as nuances. Práticas pedagógicas já foram jogadas fora e novas práticas já se inseriram na escola. Um mesmo professor já visitou diversos modelos, já testou, já tentou e já realizou modificações na sua caminhada, enquanto ensinante e também aprendente. Muitos profissionais já refizeram suas práticas, em diversos e necessários momentos. “Navegar é preciso”, já dizia Fernando Pessoa (1914).

Portanto, é necessário que se refaça caminhos para que as tecnologias que são ofertadas através das mídias possam ganhar espaço e adentrar a escola, pois nossos alunos já estão instrumentalizados dos mais variados aparatos tecnológicos que permitem buscar conhecimento através de pesquisa, buscar a ampliação dos conteúdos e também melhorar o entendimento sobre todos os assuntos, num clique, através da rede, pela internet! Mas será que isso já aconteceu? Os professores já se apoderaram das tecnologias à disposição da escola, nesses novos tempos de digitalização? Em tempos de informatização, de computação, de rede e internet, em tempos de dispositivos móveis, imagens, mensagens, links, “sites”, navegação, etc., o que se faz dentro da escola com esses instrumentos?

Maria Cecília Martins (2013), fala sobre as mudanças constantes e aceleradas, as transformações dos avanços científicos e tecnológicos, a revolução das mídias que se expandem, encurtando distâncias e integradas ao dia-a-dia. Como está acontecendo essa integração na sala de aula? Como os professores estão se organizando para aproveitar as possibilidades desse aparato tecnológico em favor de aprendizagem escolar? O que nossos alunos estão fazendo com seus aparelhos na escola, que usos fazem das ferramentas disponibilizadas através desses dispositivos móveis que portam? Alguém está ensinando aos alunos a usufruírem desses instrumentos para aprendizagem?

O desencadear da prática educacional destaca a integração de materiais e mídias diversificadas para que o aluno possa interpretar e dar respostas ao que acontece no mundo que os cerca. A proposição das atividades deve relacionar o que é ensinado em determinado contexto, desencadeando situações de investigação e o compartilhamento de ideias. (MARTINS, 2013 p. 1).

O desafio é urgente: que se reinventem novas possibilidades de trabalho com as tecnologias disponibilizadas na escola, em sala de aula, pois os meios estão aí, incorporados aos nossos alunos e são trazidos na mochila, como parte integrante dos pertences a se usarem na aula. É chegada a hora de aproveitarem-se esses recursos e se proporem novas oportunidades de construção/apropriação de conhecimento através do uso das mídias disponibilizadas em sala de aula.

Sônia Cruz (2008, p. 17) afirma que “a escola deixou de ter o papel de único transmissor de conhecimento e que as exigências pessoais do conhecimento agora extravasam os muros da escola, da cidade, do país”. Fato que concordamos e confirmamos: não é mais exclusividade das paredes escolares e do professor a posse dos conhecimentos, pois os conteúdos não mais estão guardados nos livros e diários de classe e que serviram de cartilha para repassarem a todos os alunos, durante muito tempo, em nossa história da educação. Estamos em tempos de conteúdos virtuais, que se modificam a cada instante! Hoje há uma grande demanda de variados autores, em variados formatos, a disposição de todos e de qualquer um que queira acessá-los, a um simples toque digital, incluindo-os até na sala de aula.

Carvalho (2008, p. 11) salienta ainda que “há uma grande evolução tecnológica a que os professores não podem ficar alheios, porque os nossos alunos não o estão” e sabemos que é assim: os alunos portam seus dispositivos móveis, manuseiam ferramentas disponibilizadas com maestria, acessam todo e qualquer conteúdo num clique.

O ensino hoje precisa estar voltado para a atualidade: vivemos a era tecnológica, onde tudo é conectado através da máquina, do computador. As telecomunicações se fazem instantâneas; podemos resolver muitas situações do cotidiano num simples teclar de telefone celular, *smartphones*, *net book* ou computador. Como envolver a escola, o aluno, as tecnologias – também dos dispositivos móveis - com a intenção planejada de promoção de aprendizagem significativa com as próprias ferramentas dos alunos? O que fazer com todo esse recurso que temos nas mãos dos alunos?

Estamos em crer que a integração das tecnologias na educação se torna essencial e urgente para o desenvolvimento integral da formação de alunos que se exige hoje, preparados para o mercado de trabalho, em constante mudança e transformação, pelo que devem mostrar competências que não se limitam às áreas nas quais se especializaram, mas desenvolver um espírito aberto, flexível e capaz de se adaptar para evoluir. (CRUZ, 2008, p. 17).

Com isso evidencia-se a necessidade de incluir as tecnologias em nossas salas de aula com a intencionalidade de promover aprendizagem escolar e também introduzi-los no mercado de trabalho, tendo em vista as tecnologias estarem disponibilizadas em todos os segmentos da vida além da escola, incluindo a vida profissional.

Salientamos a implicação do professor na instrumentalização e atualização das diversas possibilidades de aprendizado que é proporcionado pelas tecnologias á disposição da escola, através de formação continuada e na própria busca de aprendizado em formações continuadas.

### **1.1 Planejamento e projetos escolares: possibilidades de aprendizagem**

Planejar é o ato de pensar o que vamos fazer para dar conta do nosso dia, do nosso trabalho, de tudo quanto necessitamos realizar para chegar a determinado ponto, o objetivo a que perseguimos ao longo do trajeto.

Na escola, no fazer pedagógico, cada professor precisa delimitar suas ações dentro daquilo que precisa trabalhar, planejando então suas aulas. Para esse planejamento precisa contemplar o conteúdo e os objetivos, bem como prever a metodologia e a avaliação, pois o planejado precisa ser revisado, é preciso que se veja os resultados. Através da ação pensada, planejada, o professor precisa avaliar se deu certo a estratégia utilizada, se de fato conseguiu alcançar aquilo que pretendia ao propor determinada aula, se a metodologia foi a melhor, se os alunos conseguiram atingir o objetivo projetado.

De acordo com Lima, Teles e Leal (2012, p. 6): “É por meio do planejamento que o professor busca melhor organizar sua prática. Ao planejar, o docente reflete sobre os objetivos que quer alcançar, exerce sua ação didática segundo suas intenções”. Isso ilustra com clareza o que dissemos acima, pois somente através do planejamento das aulas é que o professor organiza o seu fazer pedagógico, delineando objetivos a alcançar e esclarecendo o que pretende, de fato, realizar em sala de aula. O registro do que fazer é o que garante a intencionalidade do professor.

Ainda: “A atividade de planejar cada aula é mais produtiva quando o docente tem clareza do que pretende ensinar e quando tem materiais didáticos adequados disponíveis, [...]” (Lima; Teles e Leal (2012, p. 7). De fato, sabendo através do planejamento, o que quer atingir daquilo que foi pensado, do conteúdo a abordar, o professor pode prever ações durante o desenvolvimento da aula, pois ali já está delineado aonde quer chegar, podendo então adotar estratégias necessárias para todas as situações que se apresentaram ao longo da aula.

Partindo da escolha do conteúdo, do assunto ou tema, delineando objetivos e metodologia, o professor pensa as estratégias que vai utilizar para que sua aula alcance aqueles objetivos traçados. A escolha parte do professor, através das suas experiências anteriores e também do plano de trabalho disponibilizado pela escola, e vai ao encontro dos alunos. Pode ser que não aconteça a aula como foi pensada pelo professor, então esse momento deve ser previsto para que se preencha e se contemple com a contribuição dos alunos durante o andamento do trabalho.

Conhecer o conteúdo e desenvolvê-lo com propriedade é atribuição do professor. Planejar sua aula, pensando objetivos para alcançar os fins desejados também o é. Para isso é preciso que dedique tempo para a busca de materiais e recursos necessários, que envolvam os alunos numa aula dinâmica e desafiante, que leve os alunos a quererem aprender, compreender, discutir os assuntos/temas trabalhados. Como envolver nossos alunos nas aulas diárias? Que instrumentos utilizar para motivar, cativar os nossos alunos que hoje são digitais, internautas, cibernéticos? Onde buscar os recursos e instrumentos necessários para oferecer uma aula melhor, mais plugada, na escola?

O planejamento escolar é a forma que o professor tem de melhor organizar os conteúdos a serem trabalhados na sala de aula, e então pensar ações específicas para desenvolver atividades que promovam entendimento e compreensão dos assuntos, além de possibilitar que os alunos busquem novas informações, inteirando-se melhor do tema através de tantas ferramentas quantas tiver a sua disposição. Para isso, é preciso usar novas ferramentas, recursos atuais. Em tempos de grandes transformações tecnológicas, as TICs aí estão disponíveis, para ampliar conhecimentos e formar redes de aprendizagem, incluindo tanto alunos quanto professores nessa busca. É possível pensar e planejar as aulas aliando tecnologias e aprendizagem na escola?

Planejamento como instrumento didático, se bem feito, pode promover uma melhor ação intencional do professor no seu fazer pedagógico, proporcionando um trabalho mais efetivo com os alunos, mediando aprendizagens necessárias. Envolver os alunos, pensando

um planejamento em que se integrem tecnologias, dispositivos móveis, enquanto recursos dos próprios alunos, pode ser benéfico para melhorias na aprendizagem escolar.

O professor é o responsável pelo planejamento de trabalho da turma e também deve planejar suas aulas diárias, para tanto, se utiliza dos seus conhecimentos já acumulados ao longo dos anos de trabalho e também de material pedagógico que o oriente como organizar esse trabalho em sala de aula, para que contemple tudo quanto for necessário à construção das aprendizagens necessárias à turma. Zelar pelos alunos, promover ações que permitam avanços escolares, trabalhar em favor de ampliação da aprendizagem já apreendida é dever de todo professor.

Assim, partindo do ponto que suas experiências acumularam ao longo de anos de trabalho, o professor planeja suas aulas sabendo daquilo que já fez, e então deve promover o diálogo com alunos e conteúdos/temas/assuntos, através da metodologia e recursos disponibilizados, para então mediar aprendizagens novas, entre os alunos e também consigo.

Junqueira Filho (2005, p 23) faz a divisão do planejamento denominado em cheio e vazio:

[...] o segundo momento da seleção e articulação de conteúdos propostos pelas linguagens geradoras vai se produzir, justamente na articulação entre a previsibilidade – representada pelas escolhas do que faz sentido a professora, via parte cheia do planejamento – e a surpresa, o inusitado, a indefinição, a abertura, a perplexibilidade, a processualidade, as articulações, que perguntam ao professor, afinal: \_\_Sobre o que, professor, você irá conversar prioritariamente com seus alunos, dentro e para além dos conteúdos-linguagens que você escolheu para compor a parte cheia do seu planejamento? Que desafios as crianças lhes trarão com suas vidas, perguntas, atitudes, valores, jeitos, funcionamentos, realizações? O que você vai aprender sobre suas crenças e primeiras escolhas, ou seja, sobre você e sobre o seu trabalho de professora ao acompanhar e ler, significar a interação de seus alunos junto à parte cheia que você esboçou e a partir da qual se apresentou a eles?

Como promover aprendizagens necessárias trazendo a parte “cheia” – o nosso fazer pedagógico ao longo dos anos, que nos norteia toda a certeza necessária no conteúdo a apresentar aos alunos, e como vamos articular isso, integrando à parte “vazia” – aquilo que os alunos nos trazem, incluindo aqui os dispositivos móveis e tecnologias variadas, com suas ferramentas disponíveis, ao nosso fazer pedagógico? Como imbricar os novos recursos e a atualidade de nossos alunos na sala de aula com suas vivências tecnológicas, carregadas do virtual, cheios de energia digital? Estamos nos permitindo “encher” nosso planejamento com as possibilidades dos alunos?

Planejamento requer reflexão, pois precisamos rever tudo quanto já realizamos em termos de fazer pedagógico, tudo o quanto já aprendemos sobre prática pedagógica e o quanto

ainda precisamos aprender para que possamos realmente integrar ao nosso planejamento aquilo que encontramos na sala de aula. Nossos alunos não são mais os mesmos de anos atrás, e nem por isso, tantos anos! Nossas turmas são compostas de uma grande diversidade de alunos, e sabemos que já não se sentam calados, à espera do conteúdo ser despejado, em longas linhas, num quadro – hoje, branco – pelo professor a frente da sala. Essa prática já não pode mais ser assim, passivamente feita pelo professor, entre o quadro e as mesas e cadeiras.

Vivendo numa sociedade tecnológica, em tempos virtuais e onde a grande maioria da população tem um dispositivo móvel, com acesso as várias ferramentas de busca, e nossos alunos também têm, exigem-se mudanças nas práticas pedagógicas, assim como nos recursos a utilizar, e também na proposta da aula. Gandin (1993, p. 19) já dizia: “no planejamento temos em mente que sua função é a de tornar clara e precisa a ação, de organizar o que fazemos, de sintonizar ideias, realidade e recursos para tornar mais eficiente nossa ação”.

Rever as práticas pedagógicas que estão postas na escola é uma necessidade para se pensar em mudanças efetivas em sala de aula. Exposição de conteúdos em aulas monótonas, conteúdos fragmentados em disciplinas sem vínculo com as restantes, cópias do quadro branco ou dos livros didáticos não são mais nenhum atrativo para envolvimento dos alunos. Pensamos que é muito importante que os professores se reciclem, que se apropriem de novas ferramentas e recursos, que conheçam as tecnologias existentes e que as levem para a escola, planejando suas aulas com uso dessas tecnologias móveis que os nossos alunos levam para dentro da escola.

É urgente um novo pensar na educação, que seja voltado para o uso e aproveitamento das ferramentas tecnológicas que são portadoras de novas possibilidades de buscar e de produzir conhecimento. Também é preciso modificar-se as metodologias de trabalho, que seja mais ágil, mais integradora, que introduza os novos recursos de aprendizagem, que seja colaborativa e possibilite construção e autoria.

Pensando em novas metodologias e possibilidades de modificar o fazer pedagógico, devemos pensar também em novos jeitos de apresentar novas propostas de estudos aos novos alunos que temos na atualidade das nossas escolas. Uma das possibilidades que podemos nos valer, quem nos indica é Hernández (1998) ao propor Projetos de trabalho, que permitem a organização dos conhecimentos escolares entre os alunos e professores. E essa metodologia pode propor exatamente uma diferenciação do trabalho do proposto, em que o próprio aluno realize suas buscas, pense estratégias para o trabalho, através da mediação do professor no desenrolar dessas atividades.

A evolução do processo de inovação comporta, por um lado, assumir por parte do professorado os aspectos básicos da inovação, e, por outro, sua implantação efetiva nas salas de aula. Mas, além disso, não se pode perder de vista que se trata de um processo de inovação aberto que, a partir de uma necessidade inicial vai sofrendo modificações. (HERNÁNDEZ, 1998, p. 28).

Inovar na sala de aula é preciso, pois vivendo a era da globalização, se fazem pertinentes novas maneiras de ensinar-aprender na escola. Tudo precisa estar interligado, interconectado, imbricado de saberes entre alunos e alunos, mediados pelo professor, numa função de organizador da busca dos próprios alunos, para a construção de aprendizado. Numa troca e partilha de conteúdos e informações, aprimorando e selecionando aquilo que cabe em determinado assunto/tema e que deve ser revisto e refeito. Colaboração entre grupos de alunos, que saem em busca de o que acrescentar além do já sabido, o que mais se pode buscar para o momento, ainda não está pronto e nem vai ser acabado, apenas possibilitando novas aprendizagens e assim, não finalizando o aprendido.

Pensar em projetos escolares é buscar a aproximação da teoria com a prática, é pensar e planejar ações com a finalidade de garantir determinados objetivos. Planejar através de projetos escolares é buscar a parceria entre os próprios alunos, com os colegas, com o professor e com o conhecimento. “Introduzir uma nova maneira de fazer do professor, na qual o processo de reflexão e interpretação sobre a prática fosse a pauta que permitisse ir tornando significativa a relação entre o ensinar e o aprender” Hernández (1998, p. 29).

Trabalhar os interesses dos alunos, interligando conhecimentos e buscar a construção de novos saberes no grupo de alunos é uma das grandes possibilidades que a organização do trabalho em projetos permite. Melhorar as relações entre alunos e professores e construir conhecimentos juntos também é possibilitado pelo trabalho em projetos.

Articular conhecimentos escolares e favorecer a criação de estratégias de organização desses conhecimentos é função do trabalho organizado em projetos, conforme Hernández (1998, p. 61). Os conteúdos não precisam seguir uma ordem rígida, pode-se ir a diversos lugares, visitar novos rumos e caminhos, buscar novas possibilidades sempre que se apresentar novas perguntas, novas indagações a cerca do assunto/tema/proposta. E pode sair totalmente da rota inicial e enveredar outros caminhos em busca de novas construções.

Assim pensamos que a proposta dos projetos de trabalho pode ser uma metodologia que possibilite novas práticas escolares em sala de aula, que permita aos alunos buscarem suas próprias respostas, para a construção da aprendizagem e novas descobertas a cerca do

conhecimento que se produz e que se pode ser autor, com pesquisa de grupo, com indagações ao longo da busca, com um fechamento que não acaba e nem deixa pronto, mas que pensa em continuidade.

Após essas considerações, já sabemos que nenhuma metodologia ou mesmo teoria é uma receita milagrosa que vai ser usada e de imediato trazer os resultados positivos que se espera. Também sabemos que é preciso caminhar, buscar novas formas e meios para modificar de fato e efetivamente as práticas que aí estão, algumas descontextualizadas da realidade em que vivem nossos alunos, desconectadas da atualidade tecnológica que vivemos. Certo é que precisamos ir em frente, estudar mais e promover mais encontros entre nossos alunos e as tecnologias digitais, tentando sim nos incluir e incluir a escola em novas práticas escolares que contemplem o uso das mídias móveis em favor da aprendizagem escolar.

## 1.2 Dispositivos Móveis na Sala de Aula

Mobilidade são as possibilidades de se utilizar aparelhos enquanto nos movimentamos por determinado espaço, em qualquer lugar. Hoje são considerados dispositivos móveis todo aparelho computacional que permite deslocamento e uso combinado.

Os novos aparelhos disponibilizados no mercado, contam com essas ferramentas acopladas, tendo em vista que conjugam busca e acesso a informações e dados, através da rede; através da *webcam* que possibilita armazenamento das imagens fotografadas além de deslocamento sem fronteiras de campo geográfico.

Mendonça (2015) registra que sistemas móveis são desenvolvidos para rodar em *palmtops*, celulares, tablet, pcs e similares, sendo que os notebooks também são considerados como plataformas para sistemas móveis, porém o uso não é exatamente o mesmo dos dispositivos mencionados, pois exige que se pare em algum lugar, para abrir e esperar carregar.

Como os sistemas prevêm tal mobilidade, eles normalmente oferecem recursos e características que não encontramos em sistemas comuns, como por exemplo: monitoramento do nível de energia e prevenção da perda de dados em caso de pane de energia, armazenamento de dados local e/ou remoto, através de conexão com ou sem fio e sincronização de dados com outros sistemas. (MENDONÇA, 2015).<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Disponível em <[www.devmedia.com.br](http://www.devmedia.com.br)> acessado em 07 mar. 2015.



Movimentar-se com aparelhos eletrônicos, em todos os lugares que se ocupa, desde a casa, o deslocamento pela rua, o uso dos meios de transportes, o acesso à escola e à sala de aulas e no trabalho é algo comum para a grande maioria dos portadores de telefones celulares e assemelhados. Esse movimento é corriqueiro, automático e perceptível em todos os segmentos e grupos, e também nas diversas classes sociais. Mais caros e acoplados com mais recursos, acessíveis em menores preços, a grande maioria da população porta tecnologias digitais através de seus dispositivos móveis, ficando assim conectados ao mundo, em rede constante e instantaneamente.

Com o uso de tais aparatos móveis, muitas são as vantagens que se pode obter ao carregar seu próprio dispositivo móvel: redução de tempo, condições de acesso a dados e redes de buscas, comunicação instantânea e em qualquer lugar, desde que tenha sinal, encontrar e ser encontrado a um toque digital, a qualquer hora; diminuir distâncias, promover reuniões, encontros e debates entre vários atores. Ouvir músicas e armazená-las, acessar vídeos e enviá-los; produzir gravações e criar suas próprias produções em imagens, vídeo e som. A lista é enorme e podemos enumerar outras tantas possibilidades que nos permite.

Mesmo com toda a mobilidade e vantagens descritas, ainda existem muitos desafios a serem percorridos, em especial se tratando de educação e uso de dispositivos móveis. Que possibilidades de construção/apropriação de conhecimentos e habilidades podemos despertar com o uso em sala de aula? Acontecerá, de fato, essa união-integração dos dispositivos móveis incluindo-os na escola e com aproveitamento para a educação? De que forma podemos planejar nossas aulas com o uso desses dispositivos e que amplie a construção do mundo além da escola, com a escola entre muros e paredes? Como conciliar as tecnologias disponíveis nesses aparelhos e a aprendizagem? Que aprendizagens queremos construir a partir desse artefato tecnológico disponível e móvel?

Pensar e rever as práticas de ensino e aprendizagem existentes atualmente é algo que vem se fazendo necessário há muito tempo. Por inúmeras décadas, teóricos e pensadores vem permeando os estudos que se fazem nas escolas brasileiras, sempre com o intuito de que é preciso se atualizar e repensar as nossas práticas pedagógicas para melhorá-las. Através das diversas realidades existentes, da grande diversidade de alunos que compõem nossas salas de aula e do cunho social que nos trazem das comunidades em que vivem e atuam em conjunto com diversos sujeitos.

Cabe dizer que temos, hoje, além dos tantos desafios diários que enfrentamos na caminhada pedagógica, a inclusão das tecnologias digitais em sala de aula. Pensar, planejar

ações e estratégias de trabalho que permitam aos alunos agregar aquilo que se oferece na escola, com as possibilidades que ele próprio traz da comunidade, do entorno da escola, para a reconstrução de saberes acumulados pela humanidade, ao longo do tempo, com a missão de transpô-los para o tempo presente, o vivido agora, não nos parece trabalho muito fácil.

Embora as tecnologias digitais já estejam presentes no cotidiano da população a algumas décadas, nos últimos anos acelerou-se, e muito, as ofertas das TICs, uma grande variedade e possibilidades de junção de várias funcionalidades em um único aparelho: informação, redes de internet, telefonia, armazenamento de dados, captura de imagens, vídeo e som, televisão e rádio, digitação de texto, busca de localização, acesso ilimitado de conteúdos. E isso beira às portas da escola, e já adentrou as salas de aula. O que fazer com todas essas opções de ferramentas e recursos na sala de aula?

Vivenciamos a transição da Era da Informação para a Era do conhecimento, onde a tecnologia possibilita a expressão de novas atividades, novos formatos de interação social, ampliação dos locais, formatos e estruturas do processo de ensino aprendizagem, ampliando a percepção da sala de aula e da interação aluno-professor e aluno-aluno, adequando-a a necessidade do mercado. (SABOIA; VARGAS & VIVA, 2013, p.3).

Planejamento se faz com reflexão e tomada de decisão. É preciso, pois, inovar. Mas também precisamos tomar com cautela todas as propostas que se apresentam, pois não é através de um simples passe de mágica, que a utilização das tecnologias disponíveis nos variados dispositivos móveis vai promover melhorias no quadro atual em que se encontra a educação brasileira. Pensamos que toda mudança que se almeja é para ser pensada e também posta em prática, através de novas metodologias pedagógicas e com recursos atuais, utilizando-se das ferramentas disponibilizadas a todos. Sabemos que os dispositivos móveis estão presentes na escola, mas e na sala de aulas, na prática, como vai se dar a transição do “prazer e o lazer instantâneo, o clique digital, a *selfie* do intervalo”? Como transformar esse descompromisso casual dos alunos com o uso dos seus celulares, tablets e smartphones em desejo de aprendizagem e ampliação do conhecimento que as mídias podem proporcionar?

“A existência e o uso dessas tecnologias não se evidenciam somente no momento em que vemos um dispositivo em uso, mas culturalmente nossas ações, nossas relações e nosso vocabulário denunciam que estamos fortemente influenciados por esta era digital” esse recorte de Saboia; Vargas e Viva (2013, p.4) ilustra perfeitamente a naturalidade com que são usados os mais variados dispositivos móveis, em todos os lugares. Não é mais privilégio de poucos, afinal a maioria da população já têm seu telefone celular, ou dispositivo móvel similar, e que

faz uso constante, inclusive os professores. Isso mostra que todos estão instrumentalizados e se apropriando dos recursos ali disponíveis, então porque não aproveitarmos esse uso na escola?

Os conteúdos da sala de aula fazem parte de um projeto social, é dever deste projeto integrar todas as ferramentas sociais à aprendizagem. Continuarmos somente com o uso do quadro e do giz, privando o aluno do uso das tecnologias é entrar em uma batalha onde todos saem perdendo: a escola entra em descrédito como instituição, professor que fica aprisionado a uma mesma metodologia e desvalorizado e o aluno que não consegue ter uma aprendizagem significativa. (SABOIA; VARGAS e VIVA, 2013, p.7).

Com certeza, deve fazer parte integrante do planejamento escolar do professor a integração das mídias móveis, através do uso de recursos e ferramentas ali existentes, no seu plano de aula, para dar suporte à pesquisa do conteúdo previsto, auxiliar na elaboração de tarefas, possibilitar a troca, a partilha entre colegas, tanto dos dispositivos quanto do assunto, inserindo assim a todos quantos estão na escola no mundo digital.

Portabilidade e junção de tecnologias são opções que temos através dos dispositivos móveis, pois ali estão aliados diversos recursos, em variados aplicativos e funcionalidades que podem ser utilizadas cada vez mais no dia-a-dia das pessoas. Adentrar a escola com esses aparelhos, para os nossos alunos, é algo normal e cada vez mais comum, afinal, é acessório de bolso de qualquer indivíduo, em qualquer lugar, em todas as horas.

Percebemos que existe muita indiferença e até desconfiança dos professores em utilizá-los em aula. Parece que é algo temido, desconhecido, impróprio para o local. Pouco se ouve falar desses aparelhos móveis, pelos professores. Os alunos, ao contrário, são vistos pelos corredores e espaços da escola em uso constante. Na maioria das salas de aula, devem permanecer desligado, por força das regras de convivência da escola. Alguns professores até falam sobre, mas para comentar, ou até constatar, que atrapalham a aula. O que é citado por Batista e Barcelos (2013, p. 2): “Na educação formal, no entanto, esses dispositivos, principalmente os celulares, recebem algumas críticas por parte dos professores, em relação a problemas que acarretam, tais como distração, desviando o foco dos alunos dos assuntos abordados em sala de aula”.

Telefones celulares e outros dispositivos móveis, aparelhos populares, conhecidos e usados pela maioria da população, podem ser utilizados em sala de aula para promover atividades de aprendizagem escolar, quer seja para acesso aos conteúdos digitais ou ferramentas que proporcionem interação e colaboração entre os alunos.

Como dispositivos portáteis que são, podem facilitar a aprendizagem em contextos fora dos limites das instituições educacionais, bem como dentro das mesmas. Assim, esses dispositivos têm potencial para tornar o aprendizado mais acessível, colaborativo e relevante. (UNESCO<sup>4</sup>, 2012 apud BATISTA, 2013, p. 2)

A partir dessa transcrição podemos dizer que, de fato será possível introduzir esses dispositivos em sala de aulas através de um planejamento didático pedagógico, que exprima clareza em seus objetivos e coerência com a realidade digital que nos cerca.

O uso dos dispositivos móveis em sala de aula devem ser pensados sim, mas com cautela, pois sugerem a necessidade de um planejamento bem elaborado, pensando nas prerrogativas contrárias que esse uso possa acarretar, como distrações, chamadas em momento inoportuno, toques e sons que podem atrapalhar o bom andamento das atividades, envio e/ou recebimento de mensagens, etc.

“O uso do celular no contexto educacional é, portanto, um tema complexo, com pontos positivos e dificuldades a serem consideradas” afirma Batista e Barcelos (2013, p. 4). Cabe então, a nós professores, que pensemos em termos de planejamento pedagógico num projeto que possa abarcar os dispositivos móveis em sala de aula e o cuidado de não transformar nossa aula num campo de disputa entre o uso dos dispositivos móveis e a intencionalidade da atividade planejada. Entrelaçamos a essa conversa um pequeno diálogo com Junqueira Filho (2005, p. 23): “o começo é dado justamente pelo projeto. Entretanto, a surpresa devida ao como as coisas vão se arranjar é inevitável”.

Tecnologias ao nosso dispor, em todo e qualquer lugar. Ao nosso redor, diariamente, estão presentes desde as mais comuns, já incorporadas ao nosso hábito diário, até equipamentos de última geração. Os primeiros, usamos sem nenhum constrangimento, pois sabemos manipulá-los. Esses últimos, que ainda não sabemos muito bem como lidar, ainda assustam, passam despercebidos. Por vezes, até fazemos de conta que não existem!

A cada vez que precisamos repensar a educação, que precisamos nos apropriar de novos conhecimentos e crescer novas possibilidades, que há necessidade de modificar comportamentos já arraigados, usuais, é certo que chegamos com discurso contrário. Todas as vezes que se nos exigem novos estudos, em que é preciso nos apropriar de novas ferramentas para dar conta de sermos novos professores, nesses novos tempos que se apresentam, parece que não vai acontecer. Travamos. E então nos posicionamos contrários às mudanças. E

começamos as intermináveis discussões em que nos apoiamos para não modificar uma prática pedagógica acomodada. Sabemos também que é preciso demandar certo tempo para aceitação de mudanças e acomodação das devidas mudanças, e ver que, se as coisas se modificaram no entorno da escola, a escola também precisa se juntar a essas modificações para se fazer presente e atuante.

Mousquer e Rolim (2011, p. 1) nos trazem a colaboração de que é necessário o enfrentamento às mudanças, ultrapassando os desafios que levam os professores a ter receio de usufruir das ferramentas computacionais na sua prática pedagógica, pois muitos profissionais ainda desconhecem as possibilidades do uso pedagógico das tecnologias em sala de aula, por essa fala: “Existe a carência de um trabalho que sirva de guia tanto para os educadores quanto para os desenvolvedores que pretendem utilizar dispositivos móveis na educação”. Complementa ainda que cabe a quem vai utilizar as tecnologias para fins educacionais ter bem definido qual objetivo quer atingir, pois mesmo que essa utilização seja restrita é importante usá-la.

A grande oferta e demanda das tecnologias disponibilizadas nos dispositivos móveis traz necessidades de mudanças em todas as esferas. Em se tratando das mudanças educacionais, seja por ser um lugar de ensino-aprendizagem, onde ali se encontram professores e alunos, pensamos que é natural que haja maior resistência para que aconteçam com mais maleabilidade e em menos tempo. Habitualmente os professores têm “um ranço” a ser trabalhado, em especial na hora de mudar, modificando posturas, admitindo ter de adaptar-se às novidades e ainda ter que incluí-las em seu fazer pedagógico. Cremos que seja, talvez, pelo fato de ter carregado durante muitos e longos anos o “fardo-compromisso” de detentor do saber, transmissor de conhecimento e ditador de conteúdo.

Além de tudo é necessário que reveja sua postura enquanto profissional da sala de aula, pois, pensamos em tudo quanto nos afeta nos momentos de repensar práticas e promover mudanças, atualização de ferramentas, inclusão de metodologias e instrumentos atuais.

As tecnologias móveis estão cada vez mais no cotidiano das pessoas. A proliferação dos telemóveis em todo o mundo, em especial entre os jovens, tem vindo a abrir caminhos, de um novo conceito de aprendizagem, o *mobile learning*, isto é, a aprendizagem suportada pelos dispositivos móveis. (MOURA, 2008, p. 122).

---

<sup>4</sup> BATISTA, S.C.F; BARCELOS, G.T. Análise do uso do celular no contexto educacional. Novas Tecnologias da Educação. CINTED-UFRGS. Porto Alegre, v.11, n.1, p.10, jul 2013.

Aprendemos nesse novo conceito – *mobile learning*, que a aprendizagem deve ser tratada então, a partir dos dispositivos móveis, por isso necessário se faz a apropriação desse instrumental, buscando novas maneiras de ensinar, instigando novos desafios aos alunos com o uso dessas tecnologias em sala de aula. Moura (2008, p.123) ainda fala em “estar acessível, seja onde e quando for por via das tecnologias sem fio”. É atual e consensual que devemos promover assim o encontro entre os dispositivos móveis, os alunos e a sala de aula.

Moura (2008) nos informa que a utilização dos dispositivos móveis na educação, já vem sendo pensada desde a década de 70, como promotor de aprendizagem, através de um desenho de plataforma de aprendizagem móvel de Alan Kay. E apresenta-nos Mike Scharples, da Universidade de Nottingham, como um dos grandes incentivadores e pesquisador sobre as aprendizagens através dos dispositivos móveis. É um trabalho de muitos investigadores que apuram o uso da *mobile learning* e que levou Scharples, em 2007, a apresentar uma teoria da aprendizagem da Era Móvel (Mobile Age).

Assim, a ideia de utilização de dispositivos móveis na aprendizagem já não é tão nova, pelas informações tomadas. As tecnologias e os dispositivos já se fizeram móveis, dotados de todas as possibilidades para se pensar um novo modelo em fazer educação e como vamos fazer para que aconteçam essas novas maneiras de ensinar-aprender com os instrumentos sem fio? Já vêm no bolso dos alunos e precisam se fazerem presentes, intencional e claramente no planejamento pedagógico dos professores.

## 2 A ARTE DA FOTOGRAFIA

Fotografar é o ato de reproduzir a pessoa, objeto, paisagem, etc., por processo fotográfico, conforme definição online<sup>5</sup>.

A fotografia como conhecemos hoje também tem sua história. Desde a invenção da primeira máquina de fotografar, por volta de 1839, através do francês Louis-Jacques Daguerre – o daguerreótipo (uma caixa preta com uma chapa de cobre prateada e polida submetida a vapores de iodo)<sup>6</sup> - muitas mudanças aconteceram nessa trajetória, tanto no próprio dispositivo, como nas tecnologias de composição e na arte de fotografar.

Desde a captura da primeira fotografia<sup>7</sup>, por Joseph-Nicéphore Niépce, no verão de 1826, muitas imagens passaram a serem registradas em fotografias, nas mais diversas formas. Com a passagem do tempo e as modificações que se foram fazendo necessárias e pertinentes à evolução tecnológica, a máquina fotográfica também foi se aperfeiçoando.

O surgimento da câmera digital foi mais um avanço tecnológico, possibilitando uma grande demanda comercial. Novidade no mercado, fotógrafos amadores surgiram nesse contexto, e a fotografia foi assim disseminada. As mudanças nos processos de captura, visualização, edição e a não necessidade de impressão foram um dos fatores que influenciaram a aquisição da máquina fotográfica digital.

A fotografia digital mudou toda a história fotográfica. Agilizando processos, eliminando etapas como: revelação de negativos e fazendo surgir outros: visualização da imagem na hora, armazenamento das imagens em CD, DVD ou no próprio computador. O envio de fotos para várias pessoas ao mesmo tempo sem a necessidade de várias cópias. Isso fez surgir um maior número de amantes da fotografia. (COSTA, 2011, *online*)

Com a fotografia digital chegamos à atualidade dos dispositivos móveis, dotados de webcam e as diversas possibilidades de fotografar, instantaneamente, em qualquer local, espaço e tempo, o que quisermos e as possíveis edições que se fizerem nesses dispositivos.

Carvalho (2009, P. 1) corrobora nossa fala, pois sabemos o quão se faz necessário que pensamos no uso concreto dos dispositivos móveis na escola, e o quanto podemos ganhar com a contribuição dos mesmos em sala de aula.

---

<sup>5</sup> Disponível em <[https://www.google.com.br/?gws\\_rd=ssl#q=o+que+%C3%A9+fotografar](https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=o+que+%C3%A9+fotografar)> acesso em 23 mai. 2015

<sup>6</sup> Disponível em <<http://www.klickeducacao.com.br/conteudo/pagina/0,6313,POR-698-7443-,00.html>>, acesso em 26 abr. de 2015.

<sup>7</sup> Disponível em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria\\_da\\_fotografia](http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_fotografia)>, acesso em 26 abr. de 2015.

Os avanços tecnológicos observados nas últimas décadas, e em especial a criação da imagem digital, provocaram profundas transformações na maneira como o mundo é observado através da linguagem visual. Desde então, surgiram novas possibilidades de visualizar, inventar e transformar imagens sem que houvesse limitações, exceto as relacionadas à capacidade de criação das pessoas. (CARVALHO, et all, 2009, p. 1).

E sabemos que a escola ainda não está organizada para o uso e aproveitamento desses recursos, e que ainda falta engajamento dos professores para contemplar esse uso no planejamento pedagógico, utilizando-se dessas imagens tomadas pelos próprios alunos constantemente para a produção de trabalhos escolares.

## 2.1 A memória do momento e o tempo

Guardar memórias vem desde há muito tempo, desde antes dos guardados das nossas avós, geralmente fotografias ou lembranças queridas. Num primeiro momento, eram guardadas em velhos baús, que atravessaram mares de anos, num tempo em que se retinham as informações somente nos olhos, na cabeça e no coração. Uma flor, um vestido, um chapéu, uma cartinha, um verso ou poema apaixonado. Depois, as caixas! Caixas de variados modelos. As mais antigas, da mesma cor: amareladas e lustrosas, que traziam um papel de seda para embrulhar o que carregavam. Mais atuais, em variados formatos, cores e materiais. Todas essas caixas eram (e talvez ainda hoje sejam!), utilizadas para guardar memórias e lembranças que talvez nossa memória não dá conta de manter ou que pode até mesmo perder.

Atualmente os baús e as caixas de lembranças já foram deixados de lado, afinal para que se armazenar tantas coisas em tanto volume, se podemos simplificar? Bastando um simples clique digital, no mesmo instante em que quisermos eternizar um momento, e este se fará eterno, podendo ser guardado em quantos espaços, virtual ou não, dispusermos e até repetir e editar quantas vezes se fizer necessário.

Bernardo (2010) aborda a temática da memória e o tempo através de estudo da narrativa da obra *Em busca do Tempo Perdido*, de Marcel Proust. Nesse estudo traz muitas contribuições sobre o assunto.

É retratado o passar do tempo (na obra) que tudo modifica que transforma paixões, ideias, opiniões, gostos e até mesmo os próprios corpos, por meio do envelhecimento. É este fluir ininterrupto que faz com que tudo perca o sentido e causa a tentativa de contê-lo, numa busca incessante, como o próprio título sugere [...]. (BERNARDO, 2010, p. 2).



Essa citação, pensamos, ilustra a passagem do tempo e as transformações que se fazem ao longo de determinado período, fazendo com que as transformações sejam necessárias e passem a ser sentidas, tomando assim um lugar no atual.

“É nesta tentativa de conter o tempo que ganha relevância a memória”, diz Bernardo (2010, p. 2). Pois essa tentativa de retenção da memória pode ser captada pelas lentes de câmeras fotográficas digitais e webcam, através dos mais atuais dispositivos móveis, em que todos nós podemos reter nossas lembranças e memórias de determinado momento, ou de todos os momentos, atualmente tão retratados pelas *selfies*, guardados nos mais diversos espaços, e até difundidos virtualmente nas redes sociais.

Com essa oportunidade de buscarmos e guardarmos imagens através de fotografias, em variados lugares, espaços e tempo, com dispositivos móveis, dotados de novos modelos de captura e possibilidades de edição, como está sendo gerido esse recurso de produção de material digital disponível na escola?

## 2.2 Usos da imagem na construção de conhecimento

Imagens podem ensejar variadas questões, apresentar diferentes informações, chamar ou não a atenção de quem as observa, até mesmo causar a suspensão do tempo, modificando nossa percepção de sua passagem, quando outros mundos são evocados diante de nossos olhos. Imagens provocam. (GOBBI, 2011, p.20).

Já que as imagens podem provocar, podemos desafiar nossos alunos a trazerem suas fotografias para a produção de aprendizagens na sala de aulas. Podemos planejar atividades com as diferentes possibilidades imagéticas que nossos alunos podem captar com suas lentes disponíveis através dos dispositivos móveis que trazem para a escola. Então, podemos aproximar as fotografias e a sala de aula, como ferramentas de trabalho que nossos alunos portam?

A ênfase sobre o uso das imagens na escola está contida na citação abaixo:

Considerando que a fotografia educa, constrói e reconstrói realidades, podemos inferir que, à medida que ela circula em diferentes espaços escolares, passa a constituir conhecimentos sobre aqueles que os frequentam, as práticas e a construção de diferentes saberes nesses espaços, assim como sobre as próprias fotografias naquilo que ocultam e que evidenciam. (GOBBI, 2011, p.20).

Sendo possível essa construção/reconstrução de realidades, e os alunos traduzem a sua (realidade) nas fotografias que captam constante e instantaneamente, é necessário que se introduzam algumas práticas de uso dessas imagens em atividades escolares planejadas, para se permitir autoria de produção de conhecimento, diante desses saberes e fazeres trazidos pelos mesmos à sala de aula.

Capturar imagens, ilustrar momentos marcantes, alegres ou tristes, buscar o registro de algo ou alguma coisa que chame a atenção, ou pela beleza ou pelo descaso. Ou pelo fato de ser o espaço, aquele lugar, o momento exclusivo, a instantaneidade. Tantas são as possibilidades de se reter na memória fotográfica o que pode ser guardado ou que podem ficar retidos no cartão de memória, na câmara fotográfica, no celular; podem ser armazenadas no computador ou no e-mail. Importante e atual é a atividade desencadeada pela lente digital, e que pode ser guardada essa imagem, tanto faz que seja na memória pessoal, mas que pode ser perdida ao longo dos anos, pela perda da vivacidade corporal; individual, ou virtual e até coletiva, como nos caso das fotografias postadas em redes sociais. E que também podem ser deletadas, perdidas pela ação da tecnologia, num clique, por descuido ou por vontade de não mais guardá-las.

Qual a quantidade de fotografias é captada pelas lentes dos dispositivos móveis ao longo do dia? O que se fotografa diariamente? Para que se fotografa? Afinal, o que queremos com tantas imagens guardadas, ou pelo menos, capturadas em nossos celulares e similares? Que cuidados devemos ter com as imagens postadas nas redes sociais? Que imagens fazemos de nós mesmos e o que tencionamos que os outros vejam? Por que trazemos nossos celulares e similares para a escola, se não fazemos uso em aula? Os professores já pensaram nas possibilidades que as fotografias permitem para elaboração e planejamento didático com essas imagens? O que podemos fazer com as imagens tomadas diariamente pelos alunos para que se transformem em aprendizagem?

Muitas são as perguntas, assim como poderemos ter variadas respostas.

Hoje, a presença abundante das mídias digitais em nosso cotidiano já é referida por alguns como “fotoloucura” ou “explosão de imagens”, indicando um movimento de mudanças quantitativas, e não necessariamente qualitativas, na nossa sociedade. Mas é certo que, na extensa cultura fotográfica estabelecida há quase dois séculos, as transformações estão em ritmo acelerado e as especulações sobre o futuro da fotografia são muitas. (PINTO e TURAZZI, 2012, p.99).

É possível planejar atividades pedagógicas com o uso das fotografias capturadas pelos próprios alunos? Conforme a citação acima a quantidade de fotografias é maior do que a qualidade, nomeando essa quantidade de “loucura ou explosão”. Mas, se pensarmos pedagogicamente uma aula, com objetivos claros e coesos, poderemos dar conta de trazer essa possibilidade de construção de conhecimentos para a sala de aula, ao mesmo tempo, em que podemos fazer o caminho inverso: ensinar nossos alunos a produzir suas fotografias com objetivo, com finalidade, com clareza, focando e refletindo sobre que momentos e para que fotografar, com isso ganhamos em qualidade e ainda trazemos material didático pensado e produzido pelos alunos, numa clara intenção de promover autoria e com isso, aprendizagem mais significativa, pois perpassou o olhar do aluno.

Estamos diante de uma grande variedade de imagens, tomadas infinitamente, muitas vezes sem nenhuma preocupação por parte de quem fotografa de mostrar o real, o verdadeiro através do clique da objetiva. E por vezes também que podem ser feitos recorte e edições através dos recursos disponíveis. Quem poderia orientar o que, quando e como fotografar? A quem pertence fazer esse papel, diante dessa “explosão” das fotografias e da quantidade/qualidade que se poderia imprimir a essas imagens? Poderemos os professores, ser os orientadores dos nossos alunos nesse sentido, ao ensiná-los a reflexão e a real necessidade da busca e captação dessas imagens? Poderemos nos aliar aos pais, nesse momento em que disponibilizam celulares e similares aos filhos em idade tão precoce, e tentar tirar proveito em favor de aprendizagem escolar?

Portanto, é necessário que se pense sobre a utilização dos dispositivos móveis e similares em sala de aula, para que se organize esse uso constante de fotografar dos nossos alunos em produção de atividades que signifiquem o portar, o ter um aparelho eletrônico, a capturar essas imagens, e o que fazer de proveitoso com a oferta das variadas funções que os mesmos permitem, em prol da educação. Até mesmo ensiná-los a guardar recordações, como no tempo das bisavós!

### 3. METODOLOGIA

Fotografia é um assunto que encanta: aliar a imagem à memória, a visualização do retrato daquilo que vemos, com o que podemos ver. O que vemos a cada olhar? Quem olha, o que sente num primeiro olhar? E se olhar novamente dá pra sentir diferente?

Fotografar é guardar memórias, é a arte de ter sempre a mão aquele momento que já foi passado, mas que pode se tornar vívido no instante em que vemos a fotografia.

A arte de ver a imagem é antiga, já datada de séculos, pois temos registros na história desde a arte rupreste, no tempo das cavernas! Mas a imagem continua nova. Novas tecnologias, técnicas de impressão, captação, captura, ângulos, luzes, cores, movimento e ação. Atualmente as tecnologias das imagens disponibilizam variados recursos desde a captação da imagem, até um produto final, impresso ou virtual. Guardar ou descartar, recuperar, fazer de novo, repetir, recortar, acrescentar dados de montagem, enfim, modificar a captura daquilo que se viu, é algo que se pode fazer num clique, nos mais variados modelos disponíveis no mercado.

A citação de Carvalho (2009) aborda o tema:

O interesse em compreender o significado dos acontecimentos visuais está associado a todos os níveis da inteligência visual: nos símbolos, nos dados representacionais, nas formas ambientais, e inclusive nas formas compositivas como cor, tom, textura, dimensão, proporção, movimento, entre outras. (CARVALHO et al, 2009, p. 2 ).

Contribuindo a citação acima para a construção do trabalho proposto, pois que nos leva a pensar nas imagens tomadas pelos alunos e nos usos que podem ser feitos pelos professores em sala de aula, para a construção de autoria e produção de conhecimentos com esse recurso.

A abordagem da minha pesquisa será qualitativa, pois a intenção é partir da análise detalhada do objeto pesquisado, no caso o uso das imagens como fator de aprendizagem e aproveitamento do recurso tecnológico disponibilizado pelos próprios alunos, presentes na escola diariamente, para ampliar a discussão acerca das possibilidades de aproveitamento desse recurso em favor de construção de aprendizagens mais efetiva e quem sabe abrangente a diversas áreas de estudo que pode possibilitar esse uso.

A abordagem qualitativa na pesquisa, conforme Minayo (1999), busca entender um fenômeno específico em profundidade, trabalhando com as descrições, comparações e interpretações dos dados encontrados, para possibilitar uma melhor interpretação dos mesmos.

Partindo desse entendimento é preciso buscar a participação dos envolvidos para a busca de dados a serem analisados. Nessa abordagem, devemos, enquanto pesquisadores, valorizar o processo que se instaura, transformando-os em compreensão da realidade vislumbrada nesse trabalho.

A pesquisa exploratória objetiva proporcionar mais familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito ou construir hipóteses, essa será a definição do tipo de pesquisa onde minha intenção é conhecer o movimento que ocorre entre as imagens diárias e cotidianas dos alunos e a sala de aula: o que acontece entre essas duas possibilidades? Os professores tiram proveito desse registro fotográfico em favor de aprendizagem escolar?

Nossa pesquisa, apesar de caracterizar-se como qualitativa, agregou os dados numéricos, (quantitativos), tomados e colhidos pelos instrumentos criados para esse fim, que serviu para análise e reflexão da discussão acerca dos resultados obtidos, que nos foram possibilitados através da visualização em seus gráficos, dos números quantificados. A citação abaixo corrobora a nossa escolha pela abordagem:

[...] procura-se concluir que ambas as abordagens são necessárias, porém, em muitas circunstâncias, insuficientes para abarcar toda a realidade observada. Portanto, elas podem e devem ser utilizadas, em tais circunstâncias, como complementares. (MINAYO, 1993, p.240).

Além do questionário, aplicados para as turmas dos anos finais do ensino fundamental, e para nove professores, atuantes das disciplinas nos anos finais, na modalidade à distância, através do site específico SurveyMonkey<sup>8</sup>, realizamos entrevistas (Apêndices B e D) com três (3) professores de áreas específicas e com alunos, onde selecionamos um grupo de oito (8) alunos para uma interação sobre o tema foco desse projeto: as imagens fotografadas pelos alunos e uso em proveito da sala de aula. Para a entrevista com os alunos selecionamos aqueles que percebemos se utilizarem de dispositivos móveis constantemente na escola, durante o intervalo, entrada e saída e a entrevista foi por escrito e gravação de voz; para os professores, enviamos através de e-mail e foram convidados a fazer gravação de voz.

---

<sup>8</sup> Disponível em <[www.surveymonkey.com/home](http://www.surveymonkey.com/home)>

#### 4 O OLHAR DO PROFESSOR E DOS ALUNOS SOBRE A FOTOGRAFIA

“Numa sociedade predominante imagética, a importância do desenvolvimento de diferentes estratégias para a aquisição de códigos que possibilitem leituras visuais de maneira aprofundada é vital” (AROUCA, 2012, p.16). A citação mencionada nos remete a uma boa reflexão acerca do olhar que podemos ter ao pensar a imagem fotográfica como meio e suporte possível para o planejamento didático do professor.

As possibilidades de trabalho com uso das imagens fotográficas capturadas pelos alunos em seus dispositivos móveis, foram a problemática central abordada em nossa pesquisa. Partimos da pergunta: “\_\_Como as imagens capturadas pelos alunos dos anos finais do ensino fundamental em dispositivos móveis, contribuem para o planejamento do professor?” e realizamos então, toda uma pesquisa de materiais sobre o assunto.

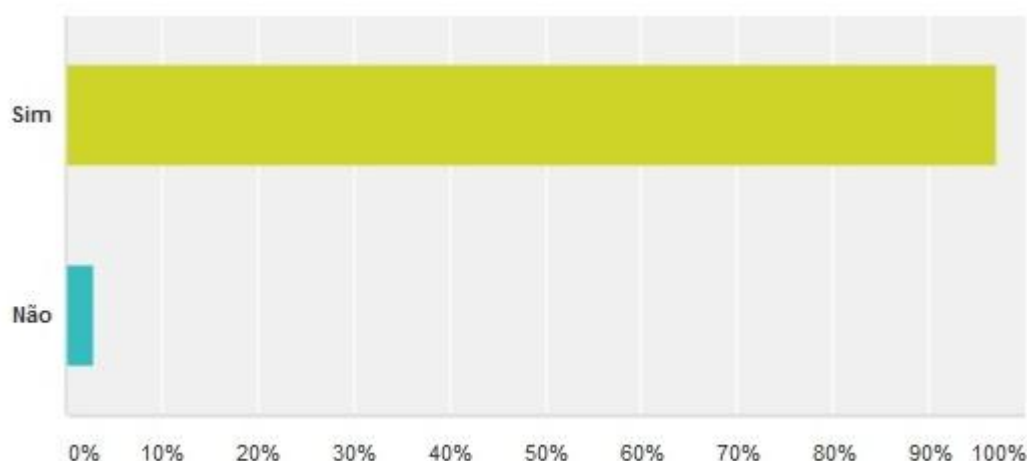
Após o estudo teórico inicial, elaboramos dois questionários (apêndices A e C): um para os alunos dos anos finais do ensino fundamental e um para os professores, que foram criados e disponibilizados através do site SurveyMonkey, disponível nesse endereço: <https://pt.surveymonkey.com/home/>.

Criado em 21 de abril, o questionário dos alunos foi aberto às respostas dos alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental de determinada escola, através do convite que fizemos aos alunos em sala de aula, e também a alguns pais, através de rede social – Facebook. O volume de respostas ao final do período em que dispusemos e captamos dados foi de trinta e sete (37) respostas, o equivalente a duas turmas de alunos, conforme pensávamos alcançar.

Disponibilizamos dez (10) questões aos alunos, todas elas respondidas pelos alunos. Das respostas ali registradas, encontramos o gráfico elaborado. Para essa análise trazemos a resposta a primeira das perguntas: \_\_Usa telefone celular ou similar? Das respostas colhidas então, trinta e quatro (34) alunos, ou seja, 97,14% das respostas foram sim, uma resposta negativa e duas em branco.

Abaixo trazemos o gráfico das respostas para essa pergunta um (1) como forte aliada ao nosso pensar sobre o uso dos dispositivos móveis na escola, como recurso de material didático disponível pelos próprios alunos em sala de aula: a maioria dos alunos têm aparelho celular e, portanto, sabem utilizar as suas funcionalidades, o que por si só, já avaliza nosso pensar sobre as possibilidades que podem advir desse fato. Partindo da visualização dessa resposta positiva quanto ao portar, ter seu próprio aparelho e estar com ele em sala de aula, já podemos pensar em preparar nosso aluno para atividades com uso desse aparato tecnológico.

Figura 4. 1 – Gráfico de respostas à pergunta nº 1



Fonte: Elaboração da autora.

Moran (s.d. p.1) já nos diz que: “o fantástico desenvolvimento das tecnologias pessoais, móveis, mais baratas e cada vez mais interativas está propiciando mudanças significativas nas formas de trabalho, de lazer, de comunicação [...]”. Podemos deduzir, a partir desses dados coletados juntamente com a fala destacada, que, de fato, temos as possibilidades de pensar em mudanças na sala de aulas, através do nosso planejamento didático e uso dos recursos móveis disponíveis nos celulares e similares.

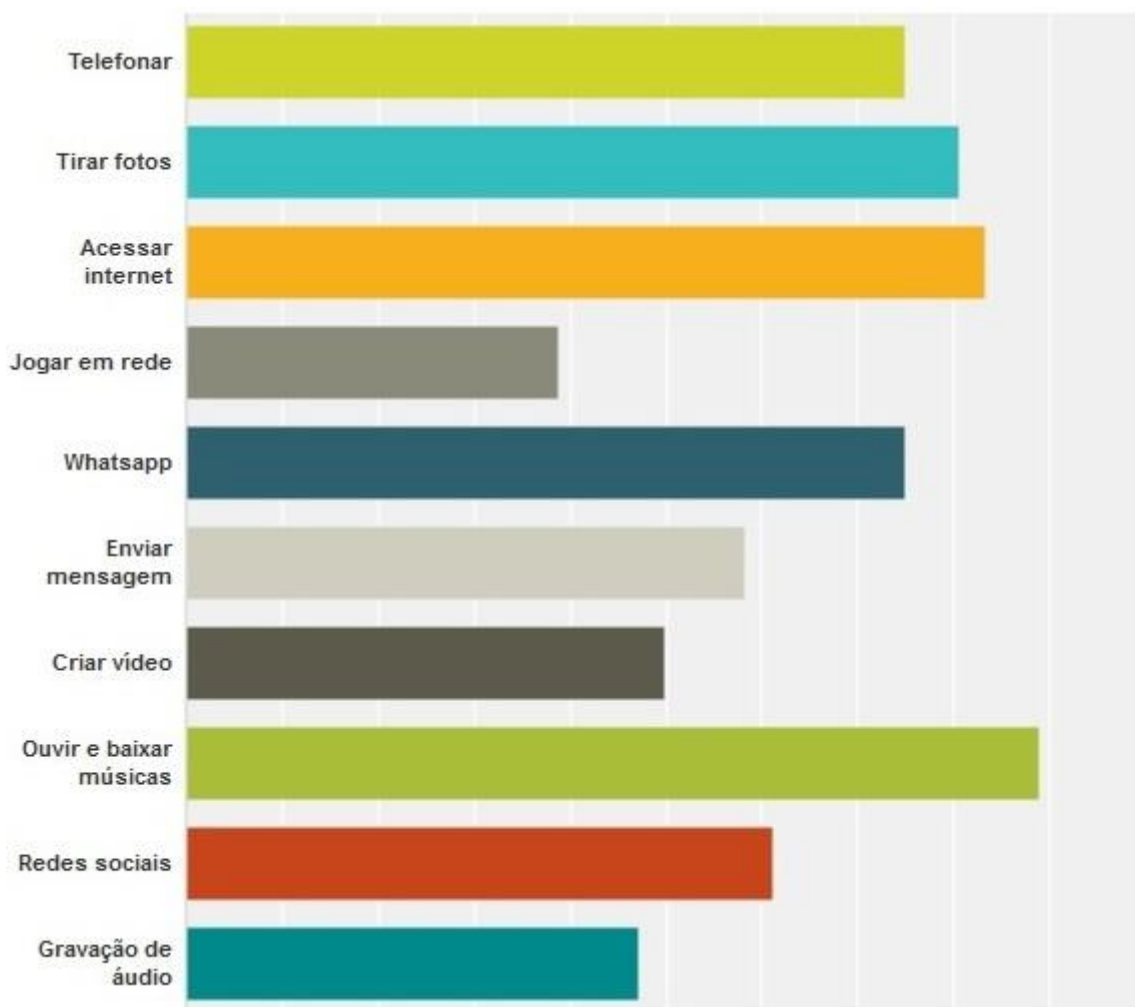
Planejar atividades para usar os celulares e similares na escola, utilizando os telefones dos alunos é bem possível, tendo em vista que podemos auxiliar nossos alunos orientando-os quanto ao uso benéfico às aulas, com um aliado ao nosso favor: os alunos têm aparelhos, trazem para a escola e sabem utilizá-los nas suas funções corriqueiras, pessoais. Precisamos, enquanto professores atuais e atualizados, somente encontrar as possibilidades de ferramentas necessárias para a realização das tarefas possíveis à sala de aula.

A grande “quantidade” de fotografias possibilitadas e tomadas pelos nossos alunos, “explosão” de imagens, conforme expressão do Pinto e Turazzi (2012), sem a devida preocupação, presumimos, com a possibilidade de usos na sala de aula, em favor de aprendizagem escolar com clareza de objetivos, pode se tornar inversa: podemos propor o que e quando fotografar, orientar que busquem cenários e paisagens que venham ao encontro das necessidades de estudo e apropriação de conteúdos objetivos nas diversas disciplinas

escolares; podemos buscar parcerias com outros professores, promovendo então a interdisciplinaridade escolar.

A pergunta seguinte, de nº 2: \_\_Usas para quais objetivos? Mostrou-nos esse desempenho:

Figura 4. 2 – Gráfico de respostas a pergunta nº 2



Fonte: Elaboração da autora.

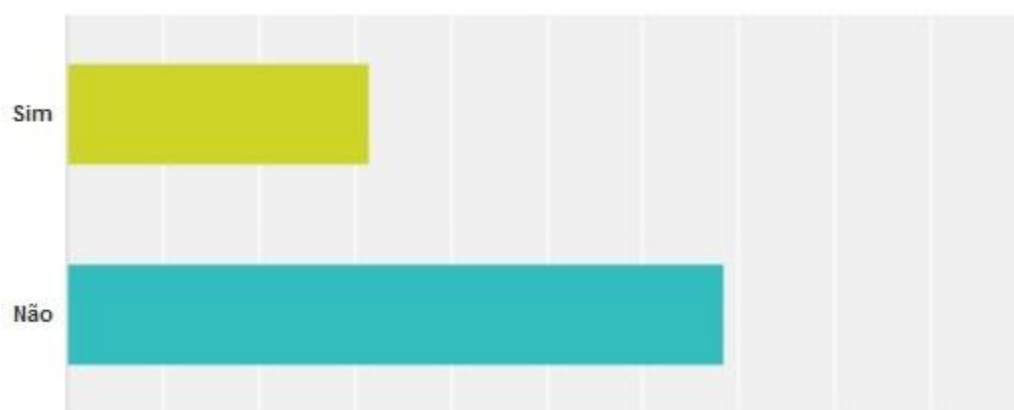
Das respostas tomadas, 80,56% dos alunos pesquisados faz uso dos dispositivos móveis para fotografar, ficando com o terceiro maior índice das respostas. Precedida pelo uso de ouvir e baixar músicas, que ficou com a maior fatia: 88,89 % e depois da pesquisa via internet, com um percentual de 83,33%.



O fato apontado nessa figura 4.2 nos faz ver que já se pode buscar, de antemão, o aproveitamento das fotografias capturadas pelos alunos, pois os mesmos já têm hábito e fazem uso dessa tecnologia disponível nas câmeras e webcams que portam consigo.

Mesmo com esses índices favoráveis em relação ao uso dos dispositivos móveis que os alunos fazem, encontrados em nossa pesquisa, ainda se percebe pouco uso da parte dos professores em utilizar as fotografias que os próprios alunos podem coletar para realização de atividades na escola, pois constatamos isso na pergunta de nº 7, do questionário dos alunos:

Figura 4. 3 – Gráfico de resposta 7



Fonte: Elaboração da autora.

O percentual de 68,57% de alunos acusa que não fizeram nenhum trabalho de aula com fotografias, nessa resposta à questão de nº 7. Mas, em contrapartida, ao responderem a pergunta anterior, sobre uso dos dispositivos móveis, 91,89 confirmam que já realizaram temas de casa com uso dos dispositivos móveis. Mais uma afirmativa que corrobora nosso afirmar que é possível se incluir essas novas mídias móveis em sala de aula, visto que os alunos portam, têm domínio de uso e já se utilizaram para realizar atividades escolares em casa!

Na entrevista realizada com gravação de voz, quatro alunas se dispuseram a conversar sobre o assunto pesquisado. Ao responder sobre se já haviam feito uso das fotografias em atividades da sala de aula, uma delas lembrou que no 4º ano (estão no 7º ano), portanto já há três anos atrás, a professora dos anos iniciais fez um trabalho com fotografias dos alunos. Também relataram que “\_\_No ano passado (2014), ao iniciar o ano, um dos professores fez trabalhos com fotografias dos alunos, e que as fotografias que retrataram na sala foi da turma e/ou dos trabalhos realizados a título de registro da atividade”. Lembraram

também que tiraram fotografias como tarefa de casa, e que, trazidas para a escola foram impressas e coladas em cartazes ou no caderno para ilustrar o que haviam fotografado. Também tiraram fotos da sala com os professores e postaram nas redes sociais.

Sobre que professores e/ou quais disciplinas já haviam solicitado fotografias para tema de casa ou na sala, trouxeram o Ensino Religioso e as Artes.

Perguntei o que pensavam sobre os próprios alunos tirarem as fotografias, para estudar as questões ambientais ou as transformações do espaço, se seria possível aprender assim, ao invés das imagens dos livros utilizados pelos professores. Uma delas foi enfática: “\_\_Não.” Insistiu na negativa e quando questionei porque não, respondeu que talvez pudesse. Percebi aqui, nesse momento, através da fala das alunas, quão pouco é solicitado de alternativa de produção de material pelos professores aos alunos, não oferecendo maior abertura para que busquem os conteúdos diretamente na realidade local, no entorno da escola, na comunidade em que estamos inseridos. Pensamos que, com essa busca de material fotográfico, os próprios alunos possam trazer a nossa realidade vivenciada para estudo dos conteúdos programáticos na sala de aula. Parece-nos que os impressos já prontos dos livros didáticos, as imagens de situações mostradas de outros lugares e até de outras regiões existentes ainda sejam uma prática constante.

O questionário dos professores foi criado em 12 de abril e disponibilizado aos nove (9) professores dos anos finais do ensino fundamental através de e-mail. Todos foram respondidos.

Analisando as respostas obtidas, todos os professores utilizam as várias metodologias apontadas, desde aula expositiva, trabalhos em grupos e individuais, seminários e rodas de conversa, observação direta, análise de filmes e documentários e de tarefas. Fica visível e bem delineado que todos utilizam metodologias conhecidas e que as imagens fazem parte dessas metodologias, também fazem uso das mídias disponíveis através das tecnologias.

Uso do quadro vem com 100% das respostas e o uso de telefones e similares alcança 11,11% , a lousa digital aponta 0% e o laboratório de informática 2, 22%. Considerando que a escola pesquisada possui laboratório de informática desde 2009, montado com 16 computadores, com acesso à internet, mas sem monitoria e basicamente com muitas dificuldades de conexão, além do programa ofertado não ser de domínio dos professores, pode se pensar que o uso restrito se deva a isso. Também constatamos que a lousa digital está instalada num espaço que tem uso restrito aos professores em determinados dias da semana, desde o início do ano de 2014, pensamos que o planejamento didático pedagógico dos

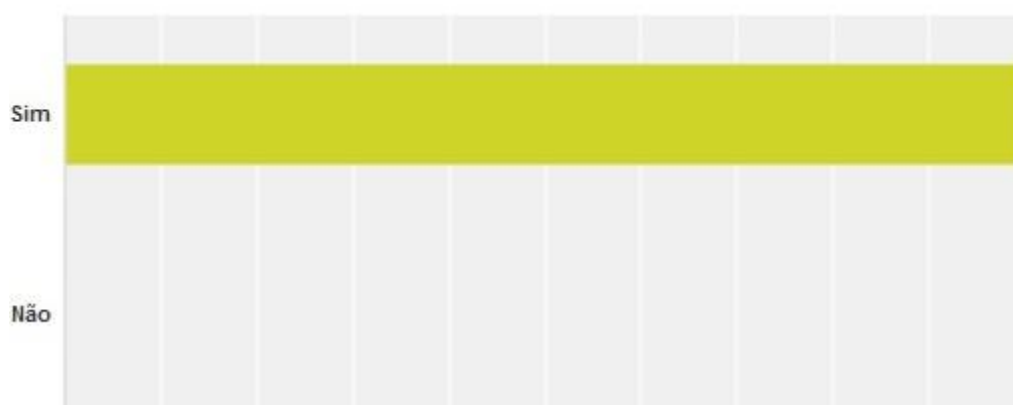
professores ainda não contemplou esse uso pela dificuldade apresentada. Mas, quanto ao uso dos celulares e similares? Esses estão disponíveis, na mochila dos alunos, aparentemente, todos os dias.

Questionados na pergunta de nº 6 (apêndice C) sobre uso das tecnologias pessoais em seu planejamento pedagógico, 100% dos professores aponta a resposta sim. Considerando que responderam anteriormente que utilizam celulares, computadores/notebooks e câmeras digitais nesse planejamento, é de se pensar que têm domínio e conhecimento de algumas ferramentas e aplicativos ali existentes, no caso, também não desconhecem a *webcam* e a possibilidade de fotografar que os mesmo disponibilizam. Portanto, podem fazer uso dessa ferramenta também em sala de aula, afinal, fazem uso pessoal no seu planejamento didático.

Figura: 4.4 Gráfico de resposta 6 (professores)

### Utilizas algumas das tecnologias pessoais no teu planejamento pedagógico?

Respondidas: 9 Ignoradas: 0



Fonte: Elaboração da autora

Sobre o uso das fotografias tomadas pelos alunos para trabalhar os conteúdos e atividades em sala de aula, constatamos que quase a metade dos professores não aproveita esse material produzido para seu planejamento pedagógico, nos dados colhidos como resposta à questão nº 8.

Em sendo assim, tomamos a citação de Dias, Morais, Pimenta e Silva (2012, p.75) sobre as práticas de letramento atuais, pois sabemos que não podemos estar alheios ao que cerca a escola, quanto mais, que temos a responsabilidade de levar aos nossos alunos também o letramento digital:

Há algumas décadas, as práticas de letramento na escola alicerçavam-se em atividades de leitura e escrita nas quais se recorria apenas à linguagem escrita como tecnologia para o ensino de língua materna. Atualmente, essas práticas têm sofrido modificações com a inserção e uso das novas tecnologias. Os textos combinam imagens estáticas (e em movimento), com áudio, cores, links, seja nos ambientes digitais ou na mídia impressa. (DIAS et all, 2012, p. 75,76)

Então, se vivemos novas possibilidades de letramentos, sendo possível variadas leituras e escritas diferenciadas, não mais estáticas nem lineares, nem uma exclusividade da língua mãe; se integramos movimento e outras variáveis ao texto, modificadas pelas condições oferecidas pelas mídias atuais, como então, não visualizamos nessa pesquisa uma maior abertura e introdução das tecnologias móveis e as fotografias dos alunos, como contribuição ao planejamento pedagógico do professor? Por que não nos aliarmos aos novos tempos, que entrelaçam a escola e as mais variadas possibilidades de letramento, um diferencial pedagógico mais atual, em se tratando de contemplar, de aliar alunos, fotografias, dispositivos móveis, aprendizagem e autoria?

Tomamos essa fala de Moram (s.d. p. 2): “São possibilidades reais [...] e que estabelecem novos elos, situações, serviços, que dependerão da aceitação de cada um, para efetivamente funcionar” para concluir que: os dispositivos móveis então, adentrem nossa sala de aula, partindo de um projeto pedagógico que contemple seu uso, aproveitando essa disponibilidade que nos ronda diariamente! De fato, depende da postura do professor atualizar-se, instrumentalizar-se e preparar-se para enfrentar novos desafios, em especial os que dizem respeito às tecnologias disponíveis na escola – os dispositivos móveis e suas diversas funções que muito podem contribuir para ampliar e inovar nosso fazer pedagógico.

#### **4.1 Fotografias na escola: que usos se fazem**

O processo de ensino se caracteriza pela combinação de atividades do professor e dos alunos. [...] A direção desse trabalho depende do trabalho sistematizado do professor, que, tanto no planejamento como no desenvolvimento das aulas, conjuga objetivos, conteúdos, métodos e formas organizativas do ensino. (LIBÂNEO, 1994, P.149).

Pela definição acima descrita, é comprovadamente ação do professor realizar o planejamento das atividades que vão ser desencadeadas aos alunos para desenvolvimento e desfecho da aula planejada. Assim como também o é a escolha da metodologia, que contemple as estratégias do professor para tal fim, pensando nos objetivos delineados.

Então, tomando como base o aporte necessário ao planejamento didático do professor, cabe a ele essa tomada de decisão de qual o melhor meio de alcançar os objetivos, através das ações pensadas e refletidas para que os alunos então realizem as propostas de atividades, contempladas nesse planejamento. Metodologia delineada, conteúdo posto, objetivos demarcados, os recursos devem ser previstos. Tudo começa pela ação intencional do professor ao propor o seu planejamento pedagógico à turma.

Esse planejamento pode estar “cheio das intenções do professor”, conforme nos diz Junqueira Filho (2005), mas pode e deve estar vazio da ação dos alunos, ainda em processo de construção e execução do planejado.

Nossa entrevista junto aos professores, referente ao uso das fotografias capturadas pelos alunos dos anos finais do ensino fundamental, para a contribuição no planejamento do professor, nas áreas específicas questionadas, trazem-nos a seguinte fala sobre o planejamento:

“\_\_Planejo aula por aula, turma por turma, pessoa por pessoa. Começo com um planejamento geral no começo do ano, depois de uma ou duas aulas, específico o bloco e de aula em aula vou adaptando, acrescentando as dúvidas e necessidades dos alunos. A partir da demanda do que os alunos precisam, dentro do planejamento vou tendo estratégias, jogo de cintura e traço mudanças. Chamo isso de planejamento vivo”. (PROFESSOR 1, 2015, entrevista).

“\_\_A partir do plano de estudos, com os conteúdos programáticos estabelecidos, analiso o perfil e a receptividade dos alunos e do grupo para traçar uma metodologia, que se adapte a eles, depois disso crio as aulas com objetivos, temática, abordagem metodológica e avaliação.” (PROFESSOR 2, 2015, entrevista).

“\_\_ Nos primeiros dias, quando a gente vai trabalhar com os alunos, vai fazendo a sondagem, vendo as necessidades e vai selecionando que tipo de atividades pode estar desenvolvendo, o que eles (os alunos) precisam desenvolver. [...] Quando estamos dando a aula já está vendo o que pode trazer na próxima aula. Parto sempre daquilo que a gente sente de necessidade dos alunos.” (PROFESSOR 3, 2015, entrevista).

Percebemos aqui que o planejamento é pensando levando em conta as necessidades dos alunos e também o conteúdo pragmático da disciplina. Visível também que há uma preocupação dos professores no planejamento das aulas levando em conta os alunos, uma preocupação de que ponto partir para então pensar seus objetivos. Conseguimos nitidamente perceber a divisão do “planejamento cheio do professor – dos conhecimentos e conteúdos que o professor vai estudar, e da parte vazia que é o que os alunos necessitam e que vai preenchê-lo, então”, conforme definição anterior de Junqueira Filho (2005).

Sobre o uso das fotografias obtidas pelos alunos contribuírem para o planejamento pedagógico do professor, encontramos uma resposta positiva. Os três professores

entrevistados admitem que as fotografias sejam um recurso material que possibilitam trabalharem-se os conteúdos programáticos, apesar de o uso ainda se limitar à construção individual de linha de tempo dos alunos, à identidade individual, autorretrato e releituras.

Questionados sobre a utilização das fotografias dos alunos nas aulas, solicitando aos alunos essas imagens para trabalhar na escola, a resposta foi:

“\_\_ Nós saímos e tiramos fotos eu não tenho feito isso. Eles trazerem fotos para a sala de aula eu já fiz, logo que comecei a trabalhar aqui, (oito anos atrás) mas foi uma coisa que eu meio que abandonei porque deu muito tumulto na época.” (PROFESSOR 1, 2015, entrevista).

“\_\_ Linha do tempo do educando, a partir das suas imagens perceberem-se como sujeito em freqüente transformação.” (PROFESSOR 2, 2015, entrevista).

“\_\_ De a gente tirar fotos eu ainda não fiz, quando realizo projeto para trabalhar a identidade deles (alunos) que ainda é bem importante que eles façam esses resgates deles, da nova fase, na pré-adolescência, que eles vejam fotografias deles, a evolução, o que foi transformando na vida deles e tal.” (PROFESSOR 3, 2015, entrevista).

Concluimos, com a transcrição da fala acima, que já houve um uso efetivo de tomada das fotografias com a intencionalidade de planejamento, com a contribuição do aluno para esse planejamento, embora tenha sido em momentos únicos e somente com uma intenção, basicamente sem a interdisciplinaridade que poderia perpassar por várias disciplinas e desencadear mais tempo de duração e aprofundamento de conteúdos.

## **4.2 Como entrelaçar as tecnologias da imagem e aprendizagem escolar?**

Introduzir novas tecnologias na sala de aula, em pleno século XXI, exige algo mais que somente boa vontade por parte do professor. Buscar novos caminhos, meios e jeitos de atingir nossos alunos, em plena era digital, móvel, conectada e instantânea, requer mais audácia da parte do professor. Temos ainda que aliar mais algumas competências ao nosso fazer pedagógico e também os novos recursos que as tecnologias atuais nos brindam nesse novo século.

É preciso reconhecer que os professores não possuem apenas saberes, mas também competências profissionais que não se reduzem ao domínio dos conteúdos a serem ensinados, e aceitar a ideia de que a evolução exige que todos os professores possuam competências antes reservadas aos inovadores ou àqueles que precisavam lidar com públicos difíceis.” (PERRENOUD, 2001, p.1)

Fazer educação hoje é nos movimentar mais no sentido de agregar e integrar as tecnologias móveis que se nos exigem um novo fazer pedagógico em sala de aula. Partindo da constatação de que temos turmas heterogêneas, alunos ativos, inquietos, mais comunicativos e menos atenciosos, mais visuais, virtuais e internautas. O conhecimento não mais está guardado nos impressos, enciclopédicos. Universais e universalizados, disponíveis a um clique digital, à mão dos alunos. Mas ainda é preciso a ação planejada do professor para que possa vir a ser fazer aprendido. Com toda essa disponibilidade virtual, nossos alunos ainda precisam de orientação de como e o que buscar. É necessário ainda, sinalizarmos com organização, através de uma metodologia que faça a intermediação entre o aluno, o conhecimento e as tecnologias.

Os professores ainda resistem às novas possibilidades virtuais que as tecnologias da informação e da comunicação permitem, entre a aproximação do conhecimento e do aluno, em especial, os dispositivos móveis. Ainda relutam pensar em possibilidades de aprendizagem, com a utilização desses recursos móveis, à disposição da escola.

Especificamente sobre o uso das mídias móveis e a possibilidade de uso das fotografias como contribuição dos alunos ao planejamento pedagógico do professor, cito a entrevista dos professores quanto a pergunta de nº 5 (apêndice D): “\_\_O que pensas sobre uso das fotografias capturadas pelos alunos em atividades de aprendizagem?”

“\_\_A gente tinha que usar mais. Só que eu sinto necessidade de uma postura deles mais séria para a gente fazer isso, porque eles levam tudo na brincadeira...”(PROFESSOR 1, 2015, entrevista).

“\_\_Um recurso que engrandece a aprendizagem, pois mostra a perspectiva, o olhar do aluno sobre o tema.” (PROFESSOR 2, 2015, entrevista).

“\_\_Eu acho que é um recurso que pode trazer muita coisa apesar de isso ainda não ter sido meu foco, não ter experienciado, não ter feito essa proposta, a leitura de imagens sempre traz muitas coisas. Eu faço muita leitura de outras imagens, associadas com textos ou desenhos que eles (os alunos) possam fazer do texto, desenhos que antecedem o texto, ou de texto que usem a linguagem não verbal.” (PROFESSOR 3, 2015, entrevista).

Conforme podemos ver, ainda não houve nenhuma intenção planejada dos professores entrevistados entre a utilização das fotografias capturadas pelos alunos, em seus dispositivos móveis, para a contribuição do planejamento pedagógico e a aprendizagem escolar.

Gobbi (2011, p. 21) diz: “As composições fotográficas são realizadas num jogo em que máquina, imagem, desejo, imaginação e fantasia estão presentes em fecundas experiências”. Partindo dessa premissa pensamos que os professores poderiam aproveitar essa

possibilidade criativa e visual que a fotografia permite e promover uma maior interação entre aluno e autoria, conteúdo e produção de aprendizagem.

“Escrevemos textos com mil possibilidades de edição, inserção de imagens, de gráficos, vários tipos de letra, de formatação do texto-imagem, de cores”. Finalizamos com essa fala de Moran (s.d. p. 3), que ilustra muito bem nosso pensamento sobre o uso da fotografia, da imagem tomada pelo aluno para a construção de autoria do aluno, em seus dispositivos móveis.

Portanto cabe a nós professores, nos atualizarmos e nos instrumentalizarmos em matéria de pensar as possibilidades de novas metodologias didáticas que contemplem o uso das disponibilidades ofertadas pelas tecnologias atuais, trazidas pelos alunos para a escola, com seus dispositivos móveis.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola não é mais a mesma! Mudanças ocorreram, desafios são postos quase que instantaneamente. Aprender e ensinar não são mais a cópia e a memorização. O professor, deixando o posto de reprodutor de conteúdo, ganhando agora a função de ser mediador entre alunos e aprendizagem, adotando assim uma postura mais comprometida: permear o ensino e a aprendizagem por meio de questionamento, apontando caminhos e não mais esperando respostas prontas. Os alunos, nessa nova função do professor-mediador, passam a serem sujeitos da aprendizagem, que buscam, entre suas dúvidas, explorar incertezas, derrubando assim a hegemonia do poder do professor em deter a exclusividade de conhecimento.

Criar novas estratégias, planejadas e pensadas em favor de mudanças de metodologia de trabalho na escola não é fácil. Os professores ainda pensam que podem perder autoridade em sala de aula adotando novas maneiras de fazer a sua prática. Práticas novas que permitam a participação mais efetiva dos alunos na condução das atividades e propostas de trabalho não ameaçam a autoridade do professor, apenas modificam as relações, desafiando-os a ir a busca de novos recursos e estratégias para a construção de aprendizagens colaborativas, em parceria com os alunos.

Entendemos que a prática pedagógica através de projetos é um diferencial, pois permite essa exploração das incertezas, do provisório, da inconstância em conhecimento pronto ou acabado. Nada mais é certo, único e verdadeiro. Tudo se constrói e reconstrói, faz e refaz, pensa e repensa. Nosso aluno precisa ser envolvido nessa busca de qual caminho andar, quantas fontes consultarem, quantas possibilidades de se chegar a determinado lugar. Precisa perceber que há diversos caminhos para essa busca.

As fotografias ensinam leitura das imagens em determinado espaço, em variados locais e momentos. Definem acontecimentos, retratam e sugerem interpretações. E permitem variados olhares. A cada novo olhar, possibilitam novas nuances, e de novos ângulos percebe-se reflexos. A partir da imagem retratada podemos compreender o cenário, ler o acontecimento e emitir nosso juízo.

Tirar fotografias hoje é algo comum e fácil. Variados dispositivos móveis contam com *webcam*, e a fotografia se fez instantânea. Nossos alunos captam momentos diários que podem ser utilizados, absorvidos pelos professores em seu planejamento pedagógico.

Aproveitar as fotografias dos alunos como recurso de autoria, para promover leituras da comunidade, para trazer os problemas reais e buscar soluções é uma das possibilidades que

se fazem. A releitura das *selfies* dos alunos, percebendo as modificações do ângulo do rosto retratado pode possibilitar um painel de identidade artística!

A partir disso, percebe-se que a interdisciplinaridade é possível entre disciplinas, em planejamento compartilhado entre professores, pois possibilita a construção de projeto em conjunto, entre os atores do processo. Assim, pode-se contemplar o uso dos dispositivos móveis por meio de projetos, auxiliando o professor em sala de aula, como uma ferramenta motivadora e atual.

Unindo o que temos a disposição da escola, agregando aplicativos e funcionalidades, dando abertura e possibilitando dessa apropriação aos nossos alunos; planejando intencionalmente esse uso com certeza nos apropriaremos também das funcionalidades e aplicações móveis em favor de aprendizagem e conhecimento para ambas as partes, pois acompanhando o trabalho dos alunos, podemos nós mesmos entender esse caminho.

As novas tecnologias estão aí, na porta das escolas. É fundamental que o professor tenha claro a intenção do trabalho para realizar as interferências necessárias à garantia de aprendizado. Pensando na pergunta inicial, objeto dessa pesquisa, os professores podem contemplar o uso das fotografias dos alunos para seu planejamento, utilizando os dispositivos móveis para essa finalidade.

É preciso que os professores aproximem alunos e dispositivos móveis, fotografias e memória virtual, visual e universal; mídias e recursos, aliando e integrando autoria nessa busca do já conhecido, para transformar e construir. Por isso, trazemos essa fala, colhida na entrevista junto aos professores, que muito diz sobre o assunto: “*Falta somente priorizar e se desvencilhar um pouco das coisas antigas. [...]*” (PROFESSOR 3, 2015, entrevista).

Concluimos, ao final das nossas considerações, que a presente monografia possibilitou alcançar, em parte, os objetivos a que nos propomos com esse estudo, pois permitiu uma reflexão a cerca das práticas pedagógicas do professor, frente às imagens ofertadas pelos alunos em seus dispositivos móveis; e identificamos que as fotografias fizeram parte do planejamento pedagógico, pelo menos em atividades específicas, referentes à identidade individual dos alunos, nas disciplinas pesquisadas.

Não identificamos a utilização dos dispositivos móveis e suas imagens, como contribuição efetiva de recurso a ser utilizado em sala de aula, através de projetos e promoção de autoria dos próprios alunos. Apenas constatamos o uso das fotografias para registros de atividades na sala e também uso para postagens nas redes sociais.

O presente estudo não nos mostrou um planejamento pedagógico do professor que contemplasse o uso das fotografias obtidas pelos alunos, com o uso das mídias disponibilizadas através dos dispositivos móveis, tecnologia presente e constante na escola, parte integrante dos materiais pessoais dos alunos.

Pensamos ser possível um próximo estudo sobre o assunto, com o foco direcionado ao uso das ferramentas possibilitadas pelos dispositivos móveis, trazendo a necessidade de instrumentalização do professor e a partir das possibilidades de trabalho concreto e interdisciplinar na sala de aula.

## REFERÊNCIAS

- AROUCA, Carlos Augusto Cabral. **Arte na Escola: Como estimular um olhar curioso e investigativo nos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental**. São Paulo: 2012, Editora Anzol, 117 p.
- BATISTA, S. C. F.; BARCELOS, G. T. Análise do uso do celular no contexto educacional. **Novas Tecnologias da Educação**. CINTED-UFRGS. Porto Alegre, v. 11, n. 1, p.10, jul.2013.
- BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos Pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Grupo A, 2008, 128 p.
- BASTOS, Eliabeth Soares. **Introdução á Educação Digital**. In: Programa nacional de formação continuada em tecnologia educacional. MEC/SEED. Brasília, 2008, 268 p.
- BERNARDO, Juliana Ferreira. **Memória e fotografia Em busca do tempo perdido**. 2010?. 8 f. Artigo. UNESP.
- BRODBECK, Marta de Souza Lima. **Vivenciando a História: Metodologia de Ensino da História**. Curitiba: Base Editorial, 2012. 184p.
- CARVALHO, Ana Amélia A. **Manual de Ferramentas da Web 2.0 para professores**. Ministério da Educação/DGIDC. [S.I.:s.n], 2008, 209p.
- CARVALHO, Adécio Siqueira, et al. Fotos panorâmicas educativas: o uso do Hugin como instrumento de criação e construção de significados artístico-visuais. **CINTED-UFRGS – novas Tecnologias na Educação**. Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 1-9, Jul. 2009.
- COSTA, Marcia. **A história da Fotografia Digital**. Disponível em <[www.foto-facil.com/2011/04/historia-da-fotografia-digital.html](http://www.foto-facil.com/2011/04/historia-da-fotografia-digital.html)> Acesso em 02 de junho de 2015.
- CRUZ, Sónia. **Blogue, YouTube, Flickr e Delicious: Software Social**. Ministério da Educação – Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, [S.I.:s.n.] 2008, p.15-40.
- DIAS, Anair Valênia Martins; MORAIS, Cláudia Goulart; PIMENTA, Viviane Raposo; SILVA, Walleska Bernardino. **Minicontos Multimodais Reescrevendo imagens cotidianas**. São Paulo: Parábola Editora: 2012 p75-94.
- GANDIN, Danilo. **Planejamento como Prática Educativa**. São Paulo: Edições Loyola, 1993, 105 p.

GIANSANTI, Roberto. **Tecnologias e Sociedade no Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda., 2006. 157 p.

GOBBI, Márcia. Fotografia com crianças pequenas. **Revista Pátio**, Porto Alegre, Ano IX, n.28, p. 20-23, Jul/set.2011.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. **A Organização do Currículo por Projetos de Trabalho: O conhecimento é um caleidoscópio**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998, 200 p.

JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. **Linguagens Geradoras: Seleção e articulação de conteúdos em educação infantil**. 3. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2008, 112 p.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez Editora, 1994, 263 p.

LIMA, Juliana de Melo; TELES, Rosinalda; LEAL, Telma Ferraz. **Planejar para integrar saberes e experiências**. MEC/SEB/DAGE. Brasília, 2012, v. 06, p. 6-13, 45 p.

MARTINS, Maria Cecília. **Situando o uso da mídia em contextos educacionais**. 2013, 5 p. (Programa de Formação Continuada em Mídias da Educação).

MENDONÇA, Aderval. **Mobilidade em Análise**. Disponível em [www.devmedia.com.br/mobiliade-em-analise/3309](http://www.devmedia.com.br/mobiliade-em-analise/3309) Acesso em 07 de março de 2015.

MINAYO, Maria Cecília de S; SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Cad. de Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993.

MORAN, José Manuel. **Tecnologias de comunicação e interação**. 2014? Programa de Formação Continuada em Mídias da Educação. 10 p.

MOURA, Adelina. **A web 2.0 e as Tecnologias Móveis**. Ministério da Educação – Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, [S.I.:s.n.] 2008, p. 121 a 144.

MOURA, Eduardo; ROJO, Roxane. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. 261 p. (Série Estratégias de Ensino 29).

MOUSQUER, T.; ROLIM, C. O. A utilização de dispositivos móveis como ferramenta pedagógica colaborativa na Educação Infantil. **Anais do II Simpósio de Tecnologias da Informação da Região Noroeste do estado do Rio Grande do Sul**. Santo Ângelo, 2011.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para uma nova profissão**. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação – Universidade de Genebra, Suíça. 2001. 7p.

PINTO, Júlio Pimentel & TURAZZI, Maria Inez. **Ensino de História: Diálogos com a literatura e a fotografia**. São Paulo: Ed. Moderna, 2012. 176p.

SABOIA, J.; VARGAS, P. L.; VIVA, M. A. A. O uso dos dispositivos móveis no processo de ensino e aprendizagem no meio virtual. **Revista Cesuca Virtual: Conhecimento sem Fronteiras**, Cachoeirinha, v.1, n. 1, p. 1-13, jul. 2013.

**APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DOS ALUNOS****“TECNOLOGIAS À DISPOSIÇÃO DA ESCOLA: DISPOSITIVOS MÓVEIS E FOTOGRAFIAS”**

Pesquisadora: Stela Maris da Rosa Dias

Pesquisa aos alunos.

1. Usa telefone celular ou similar?       sim    não
  
2. Usas para qual/quais objetivo?  
 telefonar    tira fotos    acessar internet    jogar em rede    whatsapp  
 enviar mensagens    criar vídeo    ouvir e baixar músicas    redes sociais  
 outro: \_\_\_\_\_
  
3. Qual é o local que utilizas o celular ou outro dispositivo móvel com maior frequência?  
 em casa    na rua    na escola
  
4. Carrega contigo o celular?  
 sempre    só quando saio    às vezes esqueço de levar
  
5. Quando traz para a escola o celular, para que tu usas?  
 selfies    fotos com amigos    enviar mensagem    outro \_\_\_\_\_
  
6. Já fizeste tema de casa com o celular ou outra mídia?  sim    não
  
7. Já fizesse algum trabalho de aula, com fotografias?  
 sim    não  
Caso sim, cite uma atividade que lembras \_\_\_\_\_
  
8. O que costumás fotografar com o celular?  
 selfie    os amigos    o recreio e intervalos    a rua    a cidade  
 a natureza    outras: \_\_\_\_\_
  
9. Tu achas que poderiam ser usadas as imagens/fotos tiradas pelos alunos em trabalhos na escola?  
 sim    não
  
10. Quais das tarefas abaixo poderiam ser feitas com uso de fotografias obtidas pelos próprios alunos com os celulares, ou tablets?  
 leitura das imagens  
 produção textual através das fotografias  
 arte em fotografia  
 ilustrar textos  
 produzir slides  
 fazer vídeo  
 montar painel de fotografias com linha de tempo  
 tirar fotografias para determinado conteúdo

**APÊNDICE B - ENTREVISTA DOS ALUNOS**

“TECNOLOGIAS À DISPOSIÇÃO DA ESCOLA: DISPOSITIVOS MÓVEIS E FOTOGRAFIA”

Pesquisadora: Stela Maris da Rosa Dias

Entrevista para alunos dos anos finais do ensino fundamental – 6º a0 9º ano.

1. Tens costume de tirar fotografias?
2. O que costumam fotografar?
3. O que fazes com as fotografias tiradas?
4. Para os trabalhos da escola, costumam usar as fotografias?
5. Qual/quais as disciplinas que tu observas que o professor/a utiliza fotografias nas aulas? Essa/esse professor/a propõe ou apresenta que tipo de atividades com fotografias?



## APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO DOS PROFESSORES

“TECNOLOGIAS À DISPOSIÇÃO DA ESCOLA: DISPOSITIVOS MÓVEIS E FOTOGRAFIA”

Pesquisadora: Stela Maris da Rosa Dias

Pesquisa dos professores:

1. Conhece o projeto pedagógico (PPP) da escola?  
 sim                     não
2. Sabe a filosofia e a metodologia que estão contempladas no PPP?  
 sim                     não
3. Quais metodologia utiliza em suas aulas:  
 aula expositiva    roda de conversa    seminários    trabalhos em grupo  
 atividades individuais    resolução de tarefas  
 observação    análise de filmes, fotografias, documentos    outros
4. Que dessas tecnologias abaixo utiliza nas suas aulas?  
 quadro    livro didático    revistas e jornais    fotografias    vídeos  
 imagens digitais    computador    telefones e similares    televisão  
 rádio    áudio    lousa digital    laboratório de informática  
 outros
5. Quais das tecnologias abaixo fazem parte de seu uso pessoal?  
 celular  
 tablet  
 computador/ notebook / net book  
 *Smartfones/Iphone/Ipad*  
 câmera digital  
 outro
6. Utiliza alguma das tecnologias pessoais no teu planejamento pedagógico?  
 sim    não  
 Caso sim, quais? \_\_\_\_\_
7. Costumas aproveitar os dispositivos móveis que os alunos portam para incluí-los em algumas atividades pedagógicas?  
 sempre    às vezes    nunca pensei nessa possibilidade
8. Aproveita as possibilidades de trabalho pedagógico com as fotografias que os alunos capturam em seus dispositivos móveis?  
 sim    não    já utilizei    nunca pensei nessa possibilidade
9. Solicita que os alunos tirem fotos para trabalhos em sua disciplina em aula?  
 frequentemente    às vezes    não
10. O que pensas sobre o uso das fotografias feitas pelos alunos através de dispositivos móveis em sala de aula:  
 podem ser usados através de planejamento pedagógico em que é previsto tal recurso  
 pode ser um excelente recurso para auxiliar na aprendizagem  
 fazem parte da vida diária de todos e devem ser utilizados na escola  
 gostaria de usar em minhas aulas mas ainda não planejei tal uso  
 quero realizar um projeto com o uso das fotografias feitas pelos alunos

## **APÊNDICE D - ENTREVISTA DOS PROFESSORES**

### **“TECNOLOGIAS À DISPOSIÇÃO DA ESCOLA: DISPOSITIVOS MÓVEIS E FOTOGRAFIA”**

Pesquisadora: Stela Maris da Rosa Dias

Entrevista aos professores de Artes, História e Língua Portuguesa

1. Qual sua formação (graduação/pós-graduação) e quanto tempo tens de atuação nessa escola?
2. De que forma organizas o planejamento das aulas?
3. Realiza projetos de trabalho na sala de aula?
4. O que já trabalhou relacionado ao uso de fotografias em suas aulas?
5. O que pensa sobre uso de fotografias capturadas pelos alunos em atividades de aprendizagem?
6. Pensando nas tecnologias móveis, o que poderias aproveitar desse recurso em teu planejamento pedagógico, em relação às fotografias?
7. Na tua opinião quais seriam os principais desafios para associar as tecnologias móveis ao trabalho pedagógico?